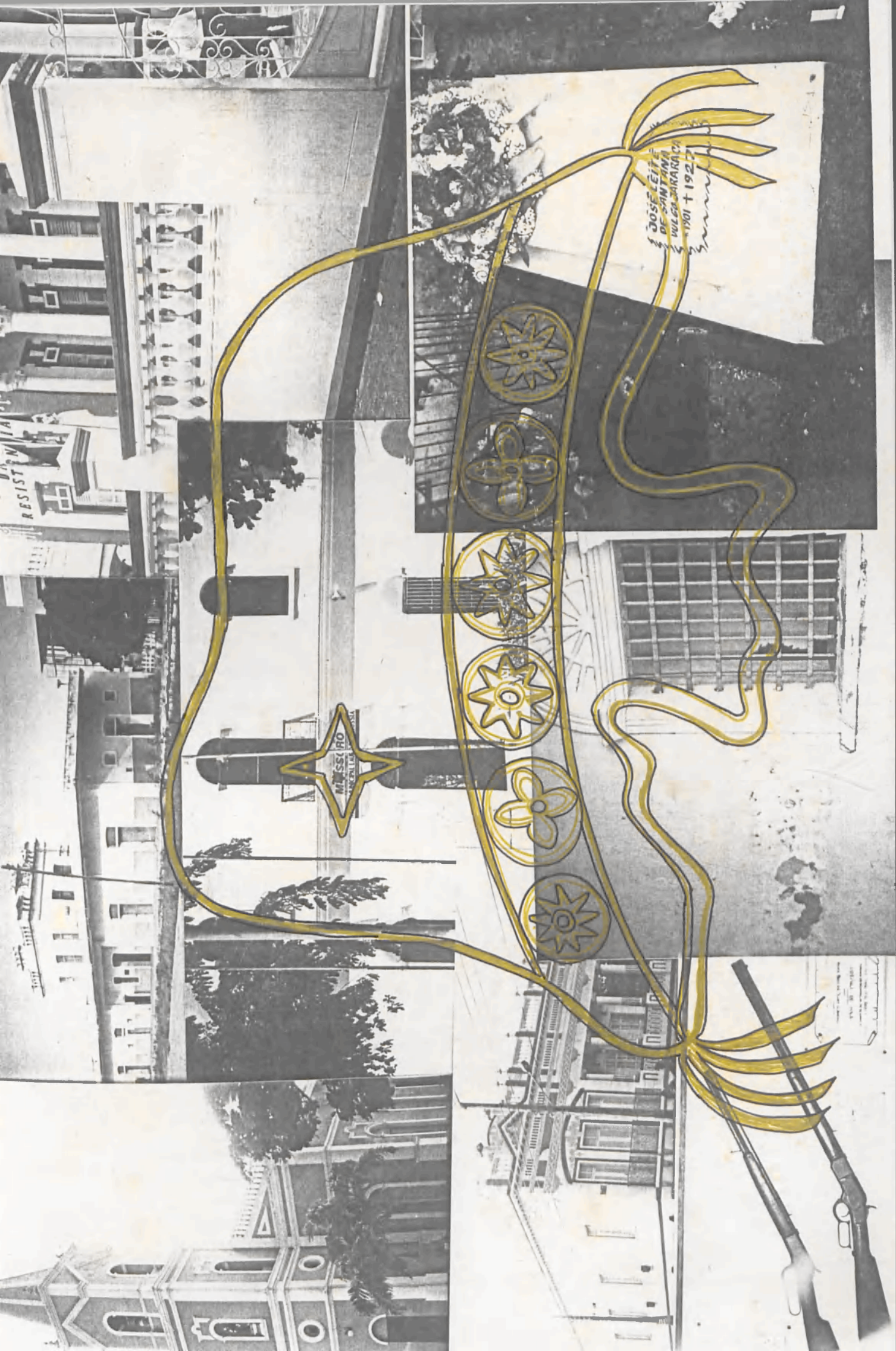




JOSÉ LEITE
DE SANTANA
DE JARACÁ
1901 + 1927

M. S. S. IRO
M. S. S. IRO

RESIST

2222

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LAMPIÃO EM MOSSORÓ RETRATADO NA LITERATURA DE CORDEL

NATANAEL SALVIANO DE BRITO



NATAL/RN – 1998 . 2 .

NATANAEL SALVIANO DE BRITO



LAMPIÃO EM MOSSORÓ RETRATADO NA LITERATURA DE CORDEL

Monografia apresentada ao Departamento de História com requisito para obtenção do título de Bacharel e Licenciado em História sob a orientação do Professor Luiz Eduardo B. Suassuna.

A MEUS PAIS

Dedico esta formatura
com todo carinho e amor
a Jesus Cristo e a meus pais
que tanto se dedicou
de criar todos com carinho
controlando com rigor

Carinho sei é preciso
surras, se preciso for
apologias a elas
faço por que passou
mas se não fossem as malditas
talvez não formasse um doutor

Dedico essa formatura
com todo carinho e amor
a uma linda criatura.
que junto com nós se criou
que começou sua formatura
queria também ser professor
mas pelas forças do destino
Jesus Cristo cancelou.



A ESPOSA E FILHOS

És minha mola propulsora
meu rumo o meu timão
que muito tem reclamado
dessa nova profissão
que parecia não ter fim
essa minha conclusão
de opinião retomei
os estudos com razão
e vou lhe mostrar o valor
dessa nova profissão

Meus filhos pra mim é tudo
meu travesseiro o meu colchão
minha riqueza é a saúde
disso tenho convicção
invisto tudo nos meus filhos
com uma boa educação
pra no futuro se formar
e exercer sua profissão

A meus filhos dou o crédito,
saúde e educação
ensinando como é a vida
dou carinho e proteção
pra no futuro ver meus filhos
uns verdadeiros Cidadãos

AO GRANDE MESTRE

Não sei se é cria da casa
ou se veio do sertão
tenho por ti grande mestre
profunda admiração
pelo homem que tu és
e por sua profissão
que partiu predestinado
vindo de outra região
na capital se formar
e exercer sua profissão

Criador de um estilo irreverente
quebrando o marasmo dos docentes
exalando um carisma eternamente
com uma presença de espírito excelente
ensinando ao aluno renitente
a gostar de suas aulas de repente

Eduardo é o seu nome de batismo
o pseudônimo adotou na profissão
por onde passa é o doce preferido
quando dá sede é um fruto da região
és o côco preferido de toda população
coquinho és o grande mestre
dessa nova geração.

DURANTE TODO O CURSO

Obrigado Aurinete Girão
pela simpatia, justiça e dedicação
no decorrer do início a conclusão
e muito além de ensinar
com carinho e devoção

Minha pequena grande professora
depois também coordenadora
e sempre assídua defensora
das coisas que nos compete
abençoa senhor Aurinete
com muita paz, saúde e confetes

Que muito tem batalhado
junto aos poderes da nação
pra que um dia o governo reconheça
o valor dessa árdua profissão.

SAUDADES !

(In Memoriam)

A MARCELO

A MANOEL SOUTA

E A JOÃO BOI

São três lindas criaturas
parecem ir mas não foi
nos nossos corações persistem
mas do mundo já se foi

De ti guardo lindas lembranças
desde os tempos de criança
na oito, em Mirassol
em São Romão, em canivete
na vila ou na pracinha
dar conta de seis era sozinha
pra tomar banho dávamos trabalho
a mãe santa Terezinha

Essa última referência
dedico ao querido João boi
dizem o seu coração
ser do tamanho d'um boi
abra e guarde com carinho
todos que com ti se foi
no livro de Deus tá escrito
Jesus Cristo os abençoe.

CONTRIBUIÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

EMANOEL AMARAL

com residência em Natal
és um amigo sensacional
e como um grande estudioso
do cangaço não tem igual

ANTÔNIO KIDELMIR

nunca deixe de exhibir
sua saga bandoleira
pro cangaço prosseguir
és o poeta que encanta uma festa
és o mais bem quisto/filho de Nova Floresta
mas és bandoleiro feliz
cabra da peste
da reluzente capital do oeste

CLÁUDIO MATIAS DA COSTA

ao compadre Cláudio agradeço
pelo grande trabalho
ao qual lhe expus
por te fornecido os livros
que a pesquisa me conduz
do cangaço tens um grande acervo
guardado em Santa Cruz

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
I – UM BREVE HISTÓRICO DA ORIGEM DO CANGAÇO.....	11
I.1 – A utilização do termo cangaço.....	11
I.2 – Localização do cangaço.....	12
I.3 – Os precursores do cangaço.....	14
II – A HISTÓRIA DO CAPITÃO VIRGULINO FERREIRA DA SILVA.....	18
II.1 – Da infância ao cangaço.....	18
III – A INVASÃO A MOSSORÓ.....	22
III.1 – A chegada ao Rio Grande do Norte.....	22
III.2 – O ataque a Mossoró.....	24
IV – LAMPIÃO, MOSSORÓ E A LITERATURA DE CORDEL.....	28
IV.1 – O cangaço e Lampião retratado na literatura de cordel.....	28
IV.2 – O ataque de Mossoró na poesia de cordel.....	34
V – CONCLUSÃO	
VI – ANEXOS	
VII – BIBLIOGRAFIA CONSULTADA	

INTRODUÇÃO

A história, o tempo e o reinado de Lampião foram temas que renderam diversos livros, conversações, folhetos, artigos, etc. Tanto no seu tempo como ainda hoje. Virgulino e o cangaço continuam sendo temáticas preferidas de muitos escritores e poetas repentistas nordestinos. Lampião nasceu no município de Vila Bela em 1898 e tornou-se o mais famoso fora-da-lei brasileiro. Ingressou no cangaço ainda na juventude e percorreu em sua vida criminosa, diversos Estados nordestino, entre eles o Rio Grande do Norte.

Apesar de ser um tema bastante debatido pela historiografia, o trabalho aqui apresentado pode ser justificado por Ter uma preocupação de resgatar, o que também não é inédito, a invasão de Lampião à cidade de Mossoró através da ótica apresentada pela Literatura de Cordel. Não é portanto um trabalho inédito, estamos conscientes disso, no entanto é um trabalho de pesquisa que trás além do tema central, um histórico, breve, sobre o cangaço e seus primeiros representantes, contém ainda um pouco da história de seu mais famoso líder: Lampião.

O material utilizado para compor o trabalho foi principalmente fontes bibliográficas por considerarmos que as informações nelas contidas nos eram suficiente para a realização da Pesquisa.

O recorte temporal abrange o período inicial da década de 1890, época do nascimento de Lampião, e se estende até 1927, data que corresponde ao ataque de Lampião em Mossoró.

Sabemos, no entanto, que críticas irão surgir (é apenas um trabalho de um estudante que admira a figura de Lampião e a poesia de Cordel), mas sem se deixar abater por isso esperamos que o trabalho possa trazer alguma contribuição para a história e a historiografia do cangaço no nosso Estado.

I – UM BREVE HISTÓRICO DA ORIGEM DO CANGAÇO

I.1 – A Utilização do termo cangaço

As palavras Cangaço e Cangaceiro foram largamente utilizadas pela bibliografia que trata do tema, contudo elas podem ser empregadas em dias distintos e em períodos diferentes. No seu primeiro sentido, que também é o mais antigo, refere-se a grupo de homens armados que eram sustentados por grandes fazendeiros e por chefes políticos. Estes últimos pagavam-lhe um salário e permitia ao grupo habitar em suas terras. Portanto neste primeiro sentido os cangaceiros não eram independentes, nem tampouco errantes. Este grupo já existia no século XVIII e segundo a autora “persistiram em determinadas lugares até os dias de hoje”¹ e eram comuns praticamente em todo o Brasil rural.

Posteriormente o mesmo termo passou a designar um grupo de homens com características bem distintas em relação ao primeiro. Este bando armado agora era liderado por um chefe e se mantinham errantes, vivendo de assaltos e saques, não aceitavam ligações permanentes com nenhum fazendeiro ou chefe. Ao contrário dos bandos ligados a alguma estrutura familiar e política, os bandos independentes vivam em constante luta contra a polícia, eram esporádicos e, principalmente específico do Nordeste seco. Sua origem e decadência pode ser datada entre os fins do século XIX a 1940². E portanto o termo cangaço, visto enquanto bandos assaltantes, independentes, esporádicos e tipicamente nordestino que será utilizado neste trabalho.

¹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. História do Cangaço. São Paulo: Global, 2ª ed., 1986. p.15.

² Para saber mais sobre essa questão ler: QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. História do Cangaço. São Paulo: Global, 2ª ed. 1986. p.15-16.

I.2 – Localização do Cangaço.

Segundo o autor Frederico Mello, para que ocorra em certo ambiente o fenômeno do cangaço – se assim pode-se chamar – é preciso que o ambiente seja dotado de algumas condições naturais e sociais.

“O banditismo protagonizado no campo por quadrilhas de salteadores é fenômeno universal, incidindo na etapa de organização social em que a autoridade pública ainda não se fez presente com sua estrutura de imposição de leis e de absorção dos conflitos... O fenômeno acha-se ligado a fatores naturais e socio-culturais... uma vegetação intrincada, um relevo acidentado, a presença de um mínimo de água e de animais desfrutáveis pela caça, um clima propício a existência de céu aberto, tudo são condições ensejadoras do fenômeno”³

No Brasil vamos encontrar grande semelhança com relação as características acima aludidas, e se unirmos a elas o mandonismo e a guerra ou vingança privada temos como consequência o banditismo social, tão característico do Brasil, que se estendeu do litoral aos sertões nordestino.

O Nordeste vai se tornar a região berço dessa forma de banditismo denominada como Cangaço. No entanto é preciso destacar a coexistência de duas áreas distintas, opostas em vários aspectos: a de trópico úmido onde se apresenta a mata atlântica, de clima quente amenizado por ventos, solo fértil, chuvas abundantes e de economia agrícola voltada para a produção de açúcar bruto para o mercado externo sob o regime da monocultura da cana; e a de trópico semi-árido, com temperaturas altas, vegetação arbustiva e espinhosa – chamada caatinga, chuvas escassas e mal distribuídas e por isso condenando os rios a serem temporários e a região a secas periódicas. Esse cenário difícil tem o nome de sertão. Tanto num, quanto noutro espaço o banditismo encontrou espaço, mas foi no sertão semi-árido, da metade do século XIX e diante, que o Cangaço encontrou terreno para seu desenvolvimento.

³ MELLO, Frederico Pernambucano. Quem foi Lampião. Recife: Stahl, 1993. p.55.

A bibliografia consultada não nos esclarece diferentes motivos que levaram a formação dos bandos cangaceiros, no entanto são unânimes em afirmar que ele nasceu da própria miséria e pobreza em que viviam grande parte da população sertaneja, principalmente nos longos períodos em que o fenômeno da seca assolava a área destruindo pequenas e médias plantações, matando o gado, secando rios e consequentemente provocando a miséria do povo. Ao comentar sobre o fato Maria Isaura afirma:

“O período do Cangaço independente, isto é, em que os bandos não estavam mais sediados em fazendas e nem seus componentes subordinados a chefes políticos ou chefes de numerosa parentela, coincidiu justamente com o empobrecimento geral da população, dotado de fins do século XIX.”⁴

Sobre essa mesma questão da origem do cangaço Frederico Melo destaca:

“... Na pobreza feita de espinho e pedra do sertão, não houve tempo – e não foi tempo curto, mas séculos – em que a um jovem que não fosse filho de fazendeiro ou ligado a uma outra expressão da acanhada elite econômica local, restava apenas a alternativa de ser policial ou bandido”⁵.

Continua ele:

“... E vai se impondo lentamente um cangaço, por assim dizer, de sobrevivência, de reação diante da miséria, espécie de salve-se quem puder”⁶

Percebe-se pois que os dois autores mencionados, cujo cunho de suas pesquisas preza por uma vasta utilização de fontes, vêem unilateralmente a origem do cangaço como um fato exclusivamente ligado a pobreza e a miséria de um povo que habitava uma área específica do Brasil: o sertão nordestino.

⁴ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de . Ibid. pg.21

⁵ MELO, Frederico Pernambucano. Ibid. pg.58

⁶ Id Ibid. pg.59

I.3 – Os precursores do Cangaço

Dos bandos cangaceiros que surgiram antecedendo o grupo de Lampião, três deles se destacam como sendo precursores do cangaço do tipo independente. São eles: o grupo do Cabeleira, o grupo de João Calangro e por fim o de Antônio Silvino. Um pouco de suas histórias e a extensão de seu poder enquanto cangaceiros é o que veremos a seguir.

1) O Cabeleira

Cabeleira, como era apelidado José Gomes, segundo dizem, devido a espessa e cacheada juba que lhe caia até os ombros, era o líder de um grupo inicialmente formado por outros cangaceiros conhecidos como Corisco, Ventania, Gavião e Jacarandá. Alguns desses nomes mais tarde serão encontrados nos grupos de Antônio Silvino e Lampião. Corisco, pode-se falar então de uma tradição de apelidos entre os cangaceiros.

De acordo com a bibliografia este grupo surgiu provavelmente “entre os anos de 1775 e 1776 quando a província de Pernambuco foi castigada por uma epidemia de varíola e em seguida por uma seca que se estendera pelos meses de 1777”⁷ - ratificando a visão dos autores consultados quanto a questão do surgimento dos bandos. O grupo de cangaceiro andava por aquela província espalhando o medo a população. Conta-se que quando se espalhava a notícia de que o Cabeleira se aproximava com o seu bando, os habitantes os recebia submissos e atendia a todas as suas exigências. Para se Ter uma idéia da ameaça e do medo dos habitantes, vejamos o verso a seguir que era recitado na época:

Fecha a porta, gente
Cabeleira'i vem,
Matando mulheres
Meninos também.

Os destacamentos policiais tinham grande dificuldade de perseguir o bando” que se movia com grande rapidez, dividindo-se em pequenos grupos a fim de escapar com maior facilidade dos perseguidores”⁸. Note-se que o conhecimento aparelhado dos can-

⁷ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Ibid. pg.28

⁸ Id Ibid. pg.28.

gaceiros sobre as matas, serras e cavernas no interior da caatinga contribuía em muito para escaparem do cerco armado pelos policiais. Não se sabe quando eles finalmente foram capturados, sabe-se apenas que foram condenados e enforcados.

2) João Calangro

O grupo do Cangaceiro João Calangro foi inicialmente um típico grupo dependente e sustentado pelo poder local com o objetivo de manter a ordem. “Atuou na região do Cariri (Ceará). Durante a seca de 1877, organizou um bando e dominou aquela área”.⁹ Em 1875 era ainda capanga do grupo de Inocêncio Vermelho que também era subordinado a um poderoso Local. Com a morte de Inocêncio, em 1876, Calangro tornou-se seu sucessor e no ano de 1879 já atuava como grupo independente sem se submeter a nenhum comando e por isso era constantemente perseguido pelos policiais. “No seu bando os homens eram treinados no exercício das armas de fogo, exigia deles disciplina e uniformização...”¹⁰

Sobre a decadência do grupo Maria Isaura comenta sobre a façanha de João Calangro antes de deixar suas atividades no Cangaço.

“Finalmente perseguido de perto Calangro dispersou seus homens e resolveu abandonar a região. Calçou as alpercatas com as pontas voltadas para os calcanhares, a fim de que perseguidores, examinando as pegadas, julgassem que ele descia para o brejo das Santos, quando na verdade subia a serra do Araripe. Encontrou refúgio no sítio do Padre Manuel Antônio de Jesus... amigo de Calangro mandou que o sacristão tocasse os finados na igreja da vila próxima, anunciando a morte do Cangaceiro. Efetuou em seguida um enterro fictício, levando para o cemitério e enterrado um pilão dentro de uma rede... Enquanto era realizado o enterro, fugiu Calangro para o Piauí onde passou a morar e de onde nunca mais regressou.”¹¹

⁹ Id. Ibid. pg.29.

¹⁰ Id. Ibid. pg.30.

¹¹ Id. Ibid. pg.30.

3) Antônio Silvino

Nasceu em 1875 em Pernambuco, seu nome verdadeiro era Manuel Batista de Moraes. Descendia de famílias cujas contendas eram célebres no Nordeste. Decidiu lançar-se a vida de aventuras no cangaço após a morte de seu pai em 1892 Jurando vingança. Conhecido até então como Né Batista agrupou-se ao bando de Luiz Mansidão, juntamente com seu irmão Zeferino. Após a morte de Luiz Mansidão assassinado por um rapaz que vingava a morte de sua mãe, Né Batista tornou-se o chefe do grupo e a partir daí adotou o nome de Antônio Silvino, em homenagem a seu padrinho Silvino Ayres. Sobre a figura desse Cangaceiro Maria Isaura comenta:

“Com Antônio Silvino inaugurou-se a fase das lutas contra a polícia e as autoridades locais. Capitães, tenentes, sargentos, delegados e subdelegados perseguiram o grupo travando com ele renhidos combates... Antônio Silvino delineava com suas ações um tipo de cangaceiro, cujos inimigos eram as autoridades locais e políticas.”¹²

Silvino não gostava de grupos numerosos, cinco ou seis companheiros e boas armas bastavam. A partir de 1906 suas façanhas se tornavam ainda mais audaciosas:

“Consideravam cada vez mais as autoridades locais, regionais e estaduais como verdadeiros inimigos. Armavam tocaias para os correios sertanejos, queimando toda a correspondência sob pretexto ou que ali iam denúncias ou ordens para sua perseguição.”¹³

E ainda

“Atacava as turmas de operários que empreendiam a construção da estrada de ferro Great Western, perseguindo e assassinando tanto engenheiros quanto trabalhadores, obstruindo as linhas já construídas. Parava os trens e cobrava taxas de passagem dos passageiros... Saqueavam coletorias, mesas-de-rendas, agencias postais, cobrava imposto de negociantes e criadores de gado.”¹⁴

¹² Id. Ibid. pg.42.

¹³ Id. Ibid. pg.42.

¹⁴ Id. Ibid. pg.42.

Seu grupo era famoso por grande extensões percorridas. Em suas atividades no Cangaço passou pelo sertão de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará. Em todos eles deixou sempre um rastro de terror que lhe era característico através de saques, surras, vexames e assassinatos. Por volta de 1910 ou 1911 Antônio Silvino conheceu Juventina Maria da Conceição com quem se casou. Um ano depois decidido a mudar de vida, pediu ao governo do Rio Grande do Norte o perdão de seus crimes e permissão para se estabelecer no Estado como criador de gado. Suas pretensões foram negados e por isso retomou suas antigas façanhas, agora, porém, com maior audácia, tanto que autoproclamou-se “Governador do Sertão.”

Em 1898 iniciou-se uma perseguição constante levada a cabo pelo comerciante Alvino Corrêa de Queiroz, anteriormente assaltado por Antônio Silvino. Surpreendido, o cangaceiro foi baleado e somente três dias depois foi pego e levado para Recife onde foi processado e condenado a trinta anos de prisão. Mais de vinte anos depois foi agraciado com a liberdade pelo presidente Getúlio Vargas e mudou-se para o Rio de Janeiro com a mulher e os filhos. Faleceu em 1944.

II – A HISTÓRIA DO CAPITÃO VIRGULINO FERREIRA DA SILVA

Da Infância ao Cangaço

Virgulino Ferreira da Silva (ver foto 1 – foto de lampião sozinho), nasceu no município de Vila Bela (atual Serra Talhada) no Estado de Pernambuco, a quatro de Julho de 1898.¹⁵ Batizou-se a três de setembro, na capela de São Francisco de Floresta (atual Catedral de Floresta), paróquia de Bom Jesus dos Aflitos. Seu avô chamava-se Antônio Alves Feitosa (sobrenome conhecido pelas constantes lutas entre famílias diferentes). Morador do Ceará decidiu fugir para Pernambuco, pensando ficar longe dos conflitos familiares, com seu filho José. Lá se estabeleceram e passaram a ter uma vida pacífica. O Jovem José, que se aborrecia com as disputas e lutas resolveu adotar o nome Ferreira da Silva e mais tarde casou-se com Maria Lopes e tiveram nove filhos. O terceiro deles chamou-se Virgulino Ferreira e nos seus primeiros anos de vida morou com sua avó e freqüentou a escola primária durante três anos. Com 12 anos aprendeu o ofício de amansar cavalos, seu pai que era almocreve levava Virgulino freqüentemente consigo em suas viagens. Quando adolescente sofreu um acidente com a ponta de um pau furando seu olho direito.

A família (ver foto 2B anexo) habita o município de Serra Talhada, e, apesar de terem fugido do Ceará a procura de paz, estiveram, por mais de uma vez, metidos em conflitos com as famílias Pereira e Carvalho. Numa dessas lutas seu irmão Antônio foi ferido e a partir desse fato os rapazes de José Ferreira passavam a andar armados. Fugindo José abandonou Pernambuco e instalou-se em Água Branca, Alagoas. Contudo não conseguiu livrar-se das contendas. Ai os rapazes fizeram amizade com os irmãos Antônio, Manuel e Pedro Porcino e passaram a colaborar neste grupo cangaceiro. Pouco antes de entrar no grupo dos Porcino atacaram a vila de Pariconha, uma semana depois a polícia cercou a residência a fim de prender os irmãos, ocorreu então a morte de José. Não se passaram muitos dias e perderam também a mãe, diante disso:

“Ficaram furiosos, lançaram-se sobre a polícia em tiroteio enlouquecidos e se determinaram a abraçar de vez o ofício de bandidos profissionais”¹⁶

¹⁵ Esta data tem divergências dependendo do autor consultado ela pode variar de 1897 e 1898.

¹⁶ MELLO, Frederico Pernambucano de. Quem foi Lampião. Recife: Stahli, 1993. Pg.68

Resolveram então:

“Que a melhor forma de vingança seria aderirem ao bando do senhor Pereira que, com seu primo Luiz Padre, percorria o sertão de Pernambuco”¹⁷

Cujo objetivo era

“Fazer Justiça por minha conta Própria, isto é: vingar a morte de meu progenitor. Não perdi tempo e resolutadamente arrumei-me e enfrentei a luta... Não escolhi gente das famílias inimigas para matar e efetivamente consegui dizima-los consideravelmente.”¹⁸

Dissolvido o grupo dos Porcinos os irmãos Ferreira voltaram para o sertão de Pernambuco para vingar-se de seus primeiros inimigos. Chegando lá aliaram-se a um grupo poderoso chefiado por Sinhô Pereira e Luiz Padre que estavam no cangaço desde 1916. Em 1922 Sinhô Pereira resolveu abandonar as aventuras pelo sertão e :

“Aceitou então os conselhos do Padre Cícero, do Juazeiro do Ceará, de quem era devoto, e retirou-se para Minas Gerais... Antes de partir, porém, pediu a Virgulino que liquidasse o último inimigo de sua família. Virgulino Ferreira da Silva cumpriu integralmente o pedido e assumiu, daí por diante, a direção do bando”¹⁹.

Cumpriu, portanto a promessa que fez: assassinou o último inimigo do Sinhô Pereira e a partir de então viu-se livre para agir por conta própria, formando seu próprio bando: o bando de Lampião (ver foto 3 anexos). Sua atuação, enquanto cangaceiro independente se fez presente principalmente nos Estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba e Ceará, Rio Grande do Norte, Bahia e Sergipe em todos eles deixou sempre um Terrível rastro de torturas, saques, estupros, seqüestros, humilhações e mortes.

¹⁷ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. História do Cangaço. São Paulo: Global. 2ª ed. 1996. Pg.47

¹⁸ Entrevista retirada do Livro de : Maciel, Frederico Bezerra. Lampião, seu tempo e seu reinado: III. A Guerra de Guerrilhas (fase de domínio). Rio de Janeiro: Vozes, 1985. Pg.59

¹⁹ QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. História do Cangaço. São Paulo: Global, 2ª ed. 1986. P.47.

“Todas as aventuras de Lampião nas várias regiões do sertão, estiveram sempre orientadas pelos pactos que fizera com determinados coronéis. Família de fazendeiros, de vaqueiros e moradores que fosse gente dos coronéis com quem estabelecia aliança, podiam viver sossegados, na certeza de que nada sofreriam do “Rei do Cangaço”. Todavia os parentes e agregados de mandões locais que haviam se recusado a atendê-lo sofriam em suas mãos...”²⁰

Assim as atividades de Lampião nunca eram gratuitas, tinham sempre duas finalidades: ou obter dinheiro para viver sempre abastado, ou para vingar-se de ofensas e traições que foram cometidos contra ele. Num trecho de uma de suas entrevistas ele comenta:

“Consigo meios para manter o meu grupo pedindo recursos aos ricos e tomando a força dos usuários que miseravelmente se negam a prestar-me auxílios. Tudo quanto tenho adquirido na minha vida de bandoleiro mal tem chegado para as últimas despesas de meu pessoal – aquisição de armas e munições – convindo notar que muito tenho gasto também com a distribuição aos necessitados.”²¹

A riqueza de Lampião é uma questão interessante à ser mencionada neste trabalho, principalmente por que contrasta radicalmente com a pobreza vivida pela grande maioria da população residente na zona sertaneja. Durante os 22 (vinte e dois anos) em que viveu como cangaceiro, Lampião conseguiu adquirir um tesouro considerável em dinheiro, ouro e pedras preciosas. Esta riqueza também podia ser notada através dos trapos, equipamentos, utensílios e armas usadas, principalmente, por Virgulino. Para se ter uma idéia de quão bem Lampião e seu bando viviam vamos resumir de seus luxos: botões de ouro, tecidos como bramante, tafetá e seda (todos importados), anéis de ouro, com brilhantes, esmeraldas e rubis, e quase todos os dedos. Alianças, crucifixos e tesoura de unhas de ouro puro, moedas brasileiras datadas do século XVIII e XIX, punhais com cabo de prata, bebidas importadas (principalmente uísque), entre outras dezenas de objetos e itens de consumo luxuosos, verdadeiras riquezas se tomarmos como parâmetro

²⁰ Id Ibid. P.48

²¹ MACIEL, Frederico Bezerra. *Lampião seu Tempo e seu Reinado. III a guerra de guerrilhas* (fase de domínio). Rio de Janeiro. Vozes, 1985. P.60.

a área onde Lampião atuou. Todo esse tesouro conseguido graças aos saques, pilhagens, seqüestros, extorsões e venda de proteção.²²

²² Mais detalhes sobre a riqueza de Lampião ler: MELLO, Frederico Pernambucano de. Quem foi Lampião. Recife: Stahli, 1993. P.44-50.

III – A INVASÃO DE LAMPIÃO EM MOSSORÓ

III.1 – A chegada ao Rio Grande do Norte

1927 foi o ano marcado, por uma política, organizada pelas forças policiais, que visou basicamente a perseguição ao cangaço e mais precisamente ao grupo liderado por Lampião.

“Os estados coordenaram ações e começaram a colher frutos animadores. Estatística organizada pela polícia de Pernambuco no meado desse mesmo ano dava conta do morte de 40 cangaceiros e a prisão de outros 180”.²³

Perseguido pela polícia de alguns Estados, Lampião iniciou uma marcha para o Norte (vede mapa 1 – anexo). Antes de invadir Mossoró, o rei do cangaço, promoveu uma verdadeira rapinagem nas localidades e fazendas por onde passou. Acompanhem algumas delas:

Em Luiz Gomes, município de entrada ao Estado, assaltou 3 propriedades. Sobre as invasões Frederico comenta:

“9 de junho, 2 horas da tarde, assaltada a fazenda Nova, distante da sede do município apenas légua e meia... O velho Coronel Joaquim Moreira, chefe político do município foi preso e conduzido como refém, teve sua propriedade incendiada...

Pouco adiante, a vez da fazenda Bom Jardim... onde fizeram o pernoite.

...às 11 horas, decidida a prisão de Maria José Lopes...”²⁴

No dia 10 a tropa de Lampião alcançou Alexandria e invadiu a fazenda Lages e aprisionou o sitiante Francisco Tomás para servir de guia até Vitória. No caminho a pouca distância de Vitória o grupo encontrou-se com soldados da polícia, houve troca de tiros, resultando no retrocesso dos soldados. Segue-se a um trecho do autor Frederico sobre as investidas de Lampião antes de alcançar o penúltimo lugar antes de Mossoró.

²³ MELLO, Frederico Pernambucano de. Quem foi Lampião. Recife: Sthali, 1993. p.76

²⁴ MACIEL, Frederico Bezerra. Lampião, seu tempo e seu reinado: III a guerra de guerrilha (fase de domínio). Rio de Janeiro: Vozes, 1985. p.195.

“Em Caricé, aprisionado Francisco Germano como refém pelo resgate de dez contos.

Em Ponta de Pedra saqueada a propriedade de João Frutuoso da Silva.

Em Morcego, delapidada a casa de seu proprietário Manuel Raulino de Queirós...

Em Corredor, seqüestro do jovem fazendeiro Manuel Barreto Leite...saqueada também a fazenda de Francisco Correia.

Na fazenda Buraco, maltratado sebastião Ferreira de Freitas e tomados um cavalo e objetos no valor de setecentos contos de réis.

Em Carnaubinha, agredido Olinto Martins; subtraído de Francisco Ferreira 50 mil réis e surrupiados animais...

Em Cachoeirinha...depredada a fazenda de Francisco Libânio, apoderados um cavalo e objetos.

...

Aterrorizadas, deixaram algumas famílias o município de Martins, inclusive o próprio Juiz de direito...”²⁵

Muitos ataques às fazendas aconteceram ao mesmo tempo, isso por que em certos trechos a tropa de Lampião se dividiu, formando uma linha flexível de três à cinco pequenos grupos sem se perderem de vista, ocasionando verdadeiros atos de roubos e destruição pelas propriedades dos abastardos fazendeiros.

“Somente assim pôde Lampião, em tão curto espaço de tempo – quatro dias apenas – percorrer tão avultado números de fazendas e localidades – cerca de Quarenta - ...”²⁶

Chegou, finalmente, Virgulino em Apodi, antes porém dividiu a sua tropa em dois grupos, partilhando com Sabino o comando. Este último seguiu para Apodi, no entanto esta não se deixou surpreender, como outrora²⁷, dando provas de resistência organizada através de força policial de civis. Pego de surpresa Sabino recuou diante do tiroteio.

²⁵ Id. Ibid. p.199 – 200

²⁶ Id. Ibid. p.196

²⁷ No primeiro ataque a Apodi o cangaceiro Massilon chegou de mansinho do Ceará pelas três da madrugada, cortou os fios do telégrafo e destruíram os aparelhos transmissores, trancaram na cadeia os poucos presos; prenderam o prefeito e vários comerciantes. Extorquiram dinheiro e bens de vários comerciantes, incendiaram vários prédios.

Antes de chegar a São Sebastião, última localidade a ser invadida antes de Mossoró, seqüestrou o Coronel Antônio Gurgel²⁸ que foi se juntar a outros reféns seqüestrados anteriormente. As dez horas da noite aconteceu o ataque a São Sebastião.

“O povoado não ofereceu nenhuma resistência, todas as famílias assombradas e em tempo haviam fugido. Não havia um pé de pessoa a não ser o telegrafista da estação da estrada de ferro e um aleijado, seu auxiliar. Aquele transmitiu a Mossoró a notícia do assalto e fugiu...o grupo inutilizou o telégrafo, botando fogo no aparelho, nos móveis e arquivos. Queimaram um caminhão e um automóvel de linha”.²⁹

Após a ocupação do povoado o rei do cangaço entediou-se, desinteressou-se pela vila ao saber que a gente de posse fugira. Seu interesse voltou-se para uma cidade cuja prosperidade era muito divulgada: Mossoró.

III.2 – O ataque a Mossoró

A cidade situa-se a margem esquerda do rio Apodi, entre Natal e Fortaleza, ligada pelo litoral por estrada de ferro que se estendia ao povoado de São Sebastião (atual Dix-Sept Rosado). Fadada como centro regional a ser sempre vista como uma das primeiras cidades do interior do Nordeste, desde a Segunda metade do século XVIII possuía charqueadas, as famosas oficinas de carne. Foi uma das primeiras cidades interioranas nordestina a receber grupos de famílias imigrantes estrangeiros como: Crof, Finizola, Leges, Dreifles, Adams, Brayner, Mayer... que criaram indústrias de beneficiamento de algodão, de óleos, gorduras vegetais, empresas comerciais etc. Possuía ainda o maior parque salineiro do País, três firmas descaroçadoras e prensavam algodão. Era um centro comprador de pele, algodão e cera de carnaúba. Longos comboios de mercadorias chegavam do interior da Paraíba e Ceará e voltavam levando sal e variados produtos.

²⁸ Sobre o seqüestro do Coronel Antônio Gurgel ler:

GURGEL, Antônio e BRITO, Raimundo Soares de. Nas guerras de Lampião. Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado, série c. vol.910. 1996. P.122

²⁹ MACIEL, Frederico Bezerra. Lampião, seu tempo e seu reinado: III a guerra de guerrilhas (fase de domínio). Rio de Janeiro: Vozes, 1985. p.203 – 204.

A energia elétrica alimentava várias indústrias nascentes, havia repartições públicas federais e estaduais. A agência do Banco do Brasil era o único estabelecimento de crédito da região.

Sem dúvida tornou-se a mais rica do Estado conhecida como “Capital do Oeste”. (ver mapa 2 anexo).

Lampião encontrou, portanto, em Mossoró um ambiente mais que propício para suas aventuras como fora-da-lei, encontrou um comércio farto, várias indústrias e coronéis enriquecidos a partir de práticas comerciais. Apesar de anteriormente nunca Ter vindo a Mossoró, sabia de ante mão a considerável riqueza que a cidade abrigava e pode ser comprovado pelo diálogo entre Lampião e outro cangaceiro de nome Massilon:

“Botou Massilon muita insistência para convencer Lampião de assaltar Mossoró. (ver verso 3 anexo).

Lampião: - cidade muito grande de quatro torres de igrejas não foi feita para cangaceiro.

Massilon: Mas cidade de muito dinheiro

...

a cidade vive desguarnecida”³⁰

Ao saber dos ataques que tinham ocorrido nas localidades vizinhas, Mossoró começa a se preparar para um, até aquele momento, possível ataque de Lampião e seu bando aquela próspera cidade. Espalhou-se rapidamente a notícia da aproximação do grupo cangaceiro e uma das primeiras consequências foi sem dúvida o grande êxodo que ocorreu na cidade. Sobre esse fato Raul Fernandes comenta:

“Ao saber que os bandidos estavam em São Sebastião ordenaram o alarme. As onze e meia os sinos da Matriz ressoaram, juntamente com os da Igreja de São Vicente de Paulo e os do Coração de Jesus... Famílias inteiras partiram a pé, a cavalo, de automóveis e de caminhão, ou internava-se no mato, passando a noite de virgília, ao relento... os mais afortunados dirigiram-se à capital, à Tibal e Areia Branca”³¹

³⁰ Id. Ibid. p.191 – 192.

³¹ FERNANDES, Raul. A marcha de Lampião: Assalto a Mossoró. Natal: Universitária, 1980. p.121, 122, 124.

Com relação a fortificação militar da cidade, as doze horas do dia doze de Junho Mossoró começou a se preparar verdadeiramente para o ataque de Lampião. Reuniões aconteceram, armas e munições foram compradas por particulares e enviadas pelo Governo do Estado. Junto com a força policial esteve dezenas de civis, que, ao que tudo indica, pretenderam, acima de qualquer coisa, defender e conservar não a cidade, mas principalmente seus bens particulares. Mossoró encheu-se de trincheiras por toda a parte, num total de 32,³² guarnecidos de mais de cento e cinquenta homens, entre civis e militares – contra 57 cangaceiros -. Se por um lado os defensores tinham pouco ou nenhuma experiência em tiroteios, foram, ao menos, fortemente municiados e seguramente entrincheirados pelas torres das igrejas, parapeitos das casas, peitoris de janelas, barricadas e até buracos no chão. Raimundo Nonato é quem melhor resume o ataque a Mossoró no dia 13 de Junho, dia de Santo Antônio.

“A agencia do Banco do Brasil cerrou suas portas e todas os seus funcionários se retiraram da cidade. O comércio em peso, fechou. Todos os homens se armaram, prontos a impedir o ataque dos cangaceiros. Foram improvisados trincheiras com fardo de areia, feijão barricas de cimento etc, nas partes centrais da cidade. Lampião renovou o apelo e obteve uma nova negativa: “estamos dispostos a arcar com tudo o que senhor quiser fazer contra nós”, escreveu prefeito Rodolfo Fernandes. Lampião enfurecido, ordenou que o bando atacasse violentamente a cidade. Sofreu porém, séria reversão. Entrincheirados e armados de rifles e pistolas, grupos de civis receberam os cangaceiros sob forte descarga de balas travou-se prolongado e renhido tiroteio, havendo perdas para os assaltantes. A resistência inesperada que não estavam acostumados a encontrar desorientou Lampião e seu grupo que fugiram, deixando no campo da luta dois mortos e um cabra gravemente ferido”³³

³² Para maiores detalhes sobre a organização das trincheiras e sua localização na cidade ler: Id. Ibid. p.124 – 133.

³³ NONATO, Raimundo: Lampião em Mossoró: Rio de Janeiro: Pongetti, 3ª ed. 1965 p.93.

Após a luta os mossoroenses continuaram por algumas horas em sua trincheiras, esperando um novo ataque ou Lampião, que não chegou a acontecer, durante a noite. Pela manhã o povo delirou com a vitória contra o cangaço. Passeatas, discursos, bebedeira...feriado, o dia do ataque, conhecidamente, era o dia de Santo Antônio e em homenagem a vitória do povo mossoroense foi considerado feriado municipal.

O resultado do confronto foi decepcionante para o grupo de Lampião. Além do provável constrangimento por Ter sido derrotado, o que não deveria ser fácil de aceitar por uma pessoa acostumada a muitas proezas durante as invasões, seis de seus homens estavam feridos e um morto durante a luta (colchete). O cangaceiro Jararaca foi atingido e não conseguiu acompanhar o grupo (ver foto 2 anexo). Foi capturado e cinco dias após morto pelos policiais. Contudo conseguiram levar grandes somas em dinheiro e objetos valiosos de alguns assaltos a proprietários do campo e ainda de resgates das pessoas seqüestradas.

Da parte de Mossoró não houve nenhuma baixa, no entanto a cidade demorou dias para retomar sua vida rotineira; famílias inteiras ainda em Tibal, Natal, Areia Branca e fazendas mais afastadas. O comércio continuou paralisado, quase que completamente por alguns dias, os civis ainda com armas na mão e a polícia em atividade. “Mossoró durante o resto do ano de 1927, ou melhor até fevereiro de 1928, continuou em regime de terror e insegurança”.³⁴ Mas o ataque a cidade também trouxe uma multiplicação de folhetos de cordel, contando sobre o fracassado ataque e a gloriosa vitória dos mossoroenses sobre Lampião.

³⁴ MACIEL, Frederico Bezerra. Lampião, seu tempo e seu reinado. III – a guerra de guerrilhas (fase de domínio). Rio de Janeiro: Vozes, 1985. p.231.

IV – LAMPIÃO, MOSSORÓ E A LITERATURA DE CORDEL

IV.1 – O cangaço e Lampião na literatura de cordel

O surgimento do cangaço nordestino, como movimento violento, de lutas, emboscadas e vinganças particulares, como foi visto anteriormente, não foi um movimento próprio do século XX. O autor Frederico de Melo comenta que a sociedade sertaneja dos séculos XVII, XVIII, XIX e parte do século XX, de forma geral conviveu e se acostumou com, o que ele chamou de vida da espingarda, ou seja pessoas ou grupos que de armas na mão atemorizaram durante esse período a população nordestina. Estes homens sertanejos estiveram sempre em combate com sangue em suas tarefas pecuárias, bem como com o uso de armas e por isso mesmo eram vistos como homens de coragem, forjado pela valentia revelada no trato com o semelhante e pelo talento no trabalho cotidiano da pecuária (castração, amansamento e abate de animais). Em meados do século XIX acelerou-se a criminalização, nasce a partir daí as expressões cangaço e cangaceiros. Esse período coincidiu também com a expansão da ordem política para as áreas mais interioranas do Brasil como os sertões. Porém o sertanejo levou tempo para acostumar-se a essa nova ordem social onde a solução de brigas e contendas entre famílias era, a partir de então, tarefa de uma justiça constitucionalizada. Ele continuou a admirar.

“Os velhos tempos em que não se precisava esperar pela justiça pública para rebater uma afronta, tempos em que a guerra e a vingança privada se mostravam bem mais simples e fáceis de compreender como procedimentos punitivos, como mecanismos provedores de uma ordem o seu tanto bárbara mas real”³⁵.

Por tudo isso não é de estranhar que o cangaço tenha sido uma forma de vida criminal orgulhosa, ostensiva e escancarada e por isso mesmo muitas vezes celebrizada com versos muito populares, contados em feiras livres ou escritos em folhetos através da literatura de cordel. É portanto no decorrer da vida do cangaço que a música repentina e, especialmente, os folhetos de literatura de cordel ganharam maior número de volumes e abrangência espacial. Nesse sentido este capítulo trata especificamente da

³⁵ MELO, Frederico Pernambucano de. Quem foi Lampião. Recife: Stalin, 1993. p.28.

compreensão do cangaço, da figura de Lampião e de sua passagem por Mossoró através da literatura de cordel.

Vimos anteriormente que a vida da espingarda nos sertões nordestino era, se assim pode se dizer, uma coisa natural, rotineira. O sertanejo, na verdade vivendo em terras onde a lei que imperava ficava a margem da justiça pública, acostumou-se a presenciar, ou até mesmo participar, cenas de luta entre famílias. Algumas famílias e pessoas sobressaíram-se bem a essas contendas e ganharam fama de valentes, corajosos e destemidos...cangaceiros. Desta forma tornaram-se homens temidos e ao mesmo tempo respeitados e, em muitos casos invejados. A literatura de cordel muito contribuiu para a expansão dessa fama dos cangaceiros. Vejamos inicialmente o cangaço dentro desse tipo de literatura e que ele é visto como movimento que pode ser justificado como sendo normal:

“Ali se aprecia muito
Um contador, um vaqueiro
Um amansador de poltro
Que seja um bom catingueiro
Um homem que mata onça
Ou então um cangaceiro”³⁶

“Como ninguém ignora
Na minha pátria natal
Ser cangaceiro é a coisa
Mais comum e natural
Por isso herdei de meu pai
Esse costume brutal”³⁷

“Cria Deus o Brasil
desde o Rio de Janeiro
fez logo o presente dele
ao que fosse mais ligeiro
Sul é para o exército
Norte é para Cangaceiro”³⁸

³⁶ Id. Ibid. p.26.

³⁷ Id. Ibid. p.53.

³⁸ OLIVEIRA, Antônio Ridelmir Dantas de. Mossoró e o cangaço: Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado, série C, V. 950, 1997. p.21.

Dentro do cangaço só cabem homens valentes e corajosos. Suas figuras exprimem um misto de medo e respeito por parte da população. Destacamos os seguintes versos para demonstrar isso:

“Desde o princípio do mundo

Que há homens valentão

Um Golias, um Davi

Carlos Magno, um Roldão

Um Oliveira, um Joab

Um Josué, um Sansão”³⁹

“São cobras de couro duro

Onde bala bate e amassa

Punhal enverga e não rompe

Chuço quebra e não ultrapassa

Com indivíduos assim

Nem o diabo quer graça”⁴⁰

“Os guerreiros de minha terra já nascem feitos

Não aprenderam esquema, nem tiveram instrução...

Brigar é coisa do destino

- Cabeleira

- Conselheiro

- Tempestade

- Lampião”⁴¹

“O Cangaceiro valente

Nunca se rende a soldado

Melhor é morrer de bala

Com o corpo cravejado

Do que render-se a prisão

³⁹ MELLO, Frederico Pernambuco de. Ibid. p.21

⁴⁰ Id. Ibid. p.09

⁴¹ Id. Ibid. p.56

Para descer do sertão
Preso e desmoralizado”.⁴²

“Se a cobra não tem corage
Que mude de profissão
Vá para o cabo da enxada
Aprantá fava e argudão”.⁴³

O que pode ser observado ao pesquisar a literatura de Cordel é o fato de o Cangaço ser visto como uma opção não só de liberdade mas também de riqueza pois para muitos trabalhadores rurais que viviam na mais completa escravidão econômica, aquela vida prometia muitas compensações. Essa visão de riqueza adquiria a partir do Cangaço não é nenhum pouco imaginária pois vimos no capítulo II o considerável tesouro adquirido por Lampião. E para se Ter uma idéia do quanto era compensadora a vida de bandido Lampião em uma entrevista responde quando é perguntado o porque de não largar a vida de cangaceiro já que tinha tanto dinheiro e ele diz: Doutor, o senhor estando bem numa vida, o senhor larga ela? Assim sou eu!”.⁴⁴ A Literatura de Cordel ratifica ainda mais o aspecto da riqueza dos bandidos:

“É melhor ser cangaceiro
E poeta contador
Que sê bispo ou deputado
Que mesmo governador”.⁴⁵

“Senhor pereira que era
Grande terror nordestino
Enriqueceu mais o bando
Com Antônio Ferreira e Livino
Também com Ezequiel
E o famoso Virgulino”.⁴⁶

⁴² MELLO, Veríssimo de. O ataque de Lampião a Mossoró, através da Literatura de Cordel. Mossoró: Fundação Vingt. – um Rosado, Série C, nº397. 1988. P.07

⁴³ FERNANDES, Raul. A marcha de Lampião: assalta a Mossoró. Natal: Universitária, 1980. P.73

⁴⁴ Id. Ibid. p.73

⁴⁵ Id. Ibid. p.73

⁴⁶ MENEZES SOBRINHO, José Saldanha. Porque Lampião foi bandido, seu tempo e seu reinado. Natal: Fundaj. 1992

“Pedi esmola hoje em dia
Não é boa profissão
Então ele deixa a vida
Segue a pé para o sertão
Somente para se vingar
Vai pedir para se alistar
No grupo de Lampião”.⁴⁷

Na poesia de Cordel o cangaço foi, e em muitos trabalhos recentes não é difícil encontrar, compreendido como um movimento natural, apesar de seu teor criminoso. Por aquelas bandas do sertão ser cangaceiro é ser, num mínimo, admirado, invejado, tanto pela valentia quanto pelo que podiam adquirir (mulheres, fama, dinheiro). Não se pode contudo cair no erro da generalização. Dizer que essa visão era de todo sertanejo é, num mínimo, um equívoco, mas certamente não é difícil encontrar aqueles que ainda hoje admiram aquela forma de vida que teve como figura mais conhecida Lampião.

Lampião foi o líder mais famoso dos grupos cangaceiros, também chegou a ser o que adquiriu o maior número de seguidores, por isso é muito referenciado nesse tipo de literatura. Esta admiração, engrandece a figura do líder, trazendo ao público um Virgulino valente, alguém a ser admirado, reverenciado. Vejamos alguns trechos:

“Quero registrar a estória
desse pavor do sertão
Que também teve sua glória
também teve coração
mesmo sem contar vitória
e se chamou Lampião”.⁴⁸

“Eu me chamo Virgulino
Ferreira, Lampião
Manso como um cordeiro
Brabo como um leão

¹⁷ MELLO, Frederico Pernambucano de. Ibid. p.59.

⁴⁸ RABELLO, Yonne. Lampião. Vagalume do sertão. Natal: S/e, 1982. p.01

trago o mundo em reboleço
Minha vida é um trovão”.⁴⁹

“Era brabo, era marvado
Virgulino, o Lampião
Mas era, pra que negá
Nas fibras do coração
O mais perfeito retrato
Das cantigas do sertão”.⁵⁰

“Lampião pelo Brasil
Deixou de fogo marcado
Pelas balas de fuzil
Muito vilão malvado
Com fama de ser gentil
Deus perdoe se é pecado”.⁵¹

A sua morte foi de grande importância para a polícia pois além de vingar indiretamente dezenas de mortes, eliminou o grupo que se orgulhava de em duas décadas de constantes confrontos com a polícia, nunca ter sido pega. Mas a notícia não foi bem aceita por alguns:

“A viola tá chorando
Tá chorando com rezão
Tão de luto os cangaceiros
Tá de luto meu sertão
A viola tá chorando
Tá chorando com rezão.

A viola tá chorando
Tá chorando com rezão
Soluçando de sodeade

⁴⁹ MELLO, Frederico Pernambucano de. Ibid p.45

⁵⁰ Id. Ibid. p.85

⁵¹ RABELLO, Yonne. Ibid. p.04.

Gemendo de compaixão
Degolavam Virgulino
Acabou-se Lampião”.³²

Não deixa de ser interessante fixar a história do bandido na tradição popular, pois contada em prosa e verso, a vida do Cangaço e de Lampião é ainda hoje tema palpitante na conversação sertaneja, Suas proezas, assassinatos, heroísmos e loucuras enchem centenas de folhetos da nossa literatura de Cordel.

IV-2 – O ataque de Mossoró na poesia de Cordel

A história de Mossoró guarda algumas datas comemorativas cuja lembrança são orgulho do povo mossoroense – 13 de dezembro é a data maior do município, dia de sua padroeira Santa Luzia. No dia 30 de setembro comemora-se na cidade a libertação dos escravos, ocorrido cinco anos antes da Lei Áurea (1883). Foi também a cidade berço da primeira eleitora da América Latina a professora Celina Guimarães que requereu o direito ao voto feminino em 05 de abril de 1927 e exerceu este direito nas eleições de 03 de novembro de 1928. Em 13 de Junho de 1927 a cidade viveu um momento de apreensão e glória: resiste e derrota o bando do temido cangaceiro, Lampião, que tentava toma-la de assalto com mais de 50 comparsas. Sem dúvida esta última data é uma das glórias máximas para seu povo. Esta data é festejada anualmente, com feriado municipal, passeatas, discursos etc.

Esta vitória do povo mossoroense é detalhada em dezenas de folhetos de Cordel, este tipo de poesia sertaneja tem como um das principais temas o ciclo heróico dos cangaceiros, desta forma o ataque dos bandidos à cidade e a resistência desta motivou a publicação de vários folhetos da invasão a Mossoró. Vejamos:

Caminhando para o Rio Grande do Norte a marcha sinistra foi assim versada por José Otávio Pereira Lima:

“Cinquenta e quatro bandidos
Do pajeú galoparam
Em oito dias seguidos
Pela estrada viajaram

Pro Rio Grande do Norte

Em busca da Aurora descansaram”.⁵³

José Cordeiro também descreveu sobre a referida marcha:

“Depois disto retirei-me
Com toda minha côrte
Chegando no Formigueiro
Fiz eu a Segunda morte
Possuí no Brejo das Freiras
Na direção das fronteiras
Do Rio Grande do Norte.
Vou queimar a Paraíba
Vou sapecar Pernambuco
Piauí e Rio Grande
Pretendo deixar maluco”.⁵⁴

Á provável conversa que ouve entre Massilon e Lampião sobre o futuro ataque a Mossoró foi assim detalhada em forma de poesia por José Cordeiro.

“Depois que Massilon me disse
Que conhecia de cor
Travessa e bêco por bêco
Das ruas de Mossoró

Antes o seu conhecimento
Eu dei o consentimento
Juntar os grupos num só”.⁵⁵

O poeta João Martins de athayde complementa.

“O cobra Massilon Leite
Sujeito de má ação

⁵² MELO, Veríssimo de. Ibid. p.07-08.

⁵³ FERNANDES, Raul. Ibid. p.58

⁵⁴ Id. Ibid. p.59-60.

⁵⁵ MELO, Veríssimo de. Ibid. p.15

Foi quem inventou a luta
E quem formou a questão
Para falar a verdade
Mesmo até contra a vontade
Do bandido Lampião”.⁵⁶

José Cordeiro detalha o plano de Lampião para atacar a cidade.

“Agora vou descrever
O plano que tenho em mente
Vocês vão ao Rio Grande
Surgindo na minha frente
Mas faça uma observação
Não derem demonstração
De nada inconveniente

Vão até Mossoró
Cheguem lá todos vocês
Por diferentes atalhos
De dois a dois, de três em três
Façam que vão trabalhar
Quando eu me aproximar
Se reunam de uma vez.

...

Mas façam tudo bem feito
Com zelo e dedicação
Quando estiverem armados
Aguardem a solução
Na hora que eu chegar
Vinha me incorporar
A nossa situação”.⁵⁷

⁵⁶ Id. Ibid. p.15
⁵⁷ Id. Ibid. p.14

Lampião tenta extorquir dinheiro da cidade (400 contos) para assim poder evitar o ataque dos bandidos a Mossoró (ver verso anexo 1). Houve troca de bilhetes entre o líder do grupo e o líder executivo da cidade. O fato é narrado por Athayde e José Lima de Oliveira.

“Depois Lampião mandou
Ao chefe desta cidade
Pedir 400 contos
Com toda astúcia e maldade
Dizendo se não mandasse
Quando ele ali chegasse
Sangue corria a vontade”⁵⁸

Virgulino Ferreira Lampião
Por recado não lhe dou um tostão
A quantia que pede é elevada
Pra você não disponho dela não
Mas como tu és valente
Vem aqui buscar na minha mão.

“Nisto o Cel. Rodolfo
Escreveu sem se vexar
Uma carta a Lampião
Fechou e mandou levar
Avisando ao cangaceiro
Que estava pronto o dinheiro
Ele viesse buscar

Reunidos num só grupo
Dá no lugar Aurora
Saíram de viagem

⁵⁸ Id. Ibid. p.10

Andando sem demora
Para Mossoró atacar
E o dinheiro embosar
E bem certo da vitória”.⁵⁹

A notícia da aproximação causou grande confusão na cidade José Otávio P. Lima assim narrou os acontecimentos daquele dia:

“Quando o portador chegou
Todo coberto de pó
As oito horas da noite.
Tremeu todo Mossoró
As famílias quase em massa
Fugiram da nossa praça
O alarme causava dó
Foi o dia 21 de Junho
Era Domingo o dia
Tinha havido futebol
O povo estava em folia
Mas quando a bomba estourou
e a notícia se espalhou
foi terrível a agonia

Dessa hora em diante
Até o dia clarear
Os outros se ocuparam
As famílias transportar
Para todas direções
Como ondas aos borbotões
Para seguras ficar”⁶⁰

⁵⁹ FERNANDES, Raul. Ibid. p.160, 83.

⁶⁰ Id. Ibid. p.133-134.

A cidade, no entanto, não foi atacada de surpresa. Lampião ao que tudo indica marcou hora para seu ataque e a cidade pode, assim, preparar sua defesa. Athayde assim escreve:

“O prefeito da cidade
Preparou-se com presteza
O povo todo lutou
Não ataquei de surpresa
E a cidade teve tempo
De virar em fortaleza
Foi feitas várias trincheiras
No telegrafo e no hotel
Na matriz de São Vicente
E em casa do coronel
Uma também na estação
Fora a fortificação
Que estava no quartel

Esses lugares ali
Se achavam empiguetados
Fóra trincheiras menores
Em pontos mais afastados
Tudo com atividade
Para defender a cidade
Da fúria dos desgraçados”

O momento do ataque foi assim descrito em verso e prosa pelos respectivos poetas: Mariano Ranchino, Pereira Lima, Limão e Mariano Ranchino.

“No dia 13 de Junho
Quando a chuva no sertão
Caiu forte alagando
As grutas do sêvocêo
Em busca de Mossoró

Caminhava Lampião”⁶¹

“Quando cheguei a cidade
Dividi o pessoal
Dei uma parte a Sabino
Fiquei com outro total
Logo que dei o aviso
Penetrei de improviso
Pela rua principal”⁶²

“Naquela tremida hora
Acinzentou a nascente
Com rouca trovada
Escureceu o oriente
Os trovões estremeciam
Corda de fogo desciam
Era um vento impertinente

Cada tiro dos bandidos
Vinha em resposta em trovão
O mundo todo tremia
Como se fora um canhão
E logo que escureceu
Lampião esmoreceu
Foi perdendo sua ação”⁶³

Falando pela boca de Lampião o poeta Athayde apresenta a surpresa do bandido

“Eu não esperava aquilo
Julguei que estivesse só
Fui recebido com bala
Ahi é que foi o nó

⁶¹ OLIVEIRA, Antônio Kydelmir Dantas de. O Cangaco na literatura de Cordel. Mossoró: Fundação Vignt. um Rosado. Série. B. v.1415. 1997. P.10-11

⁶² MELO, Veríssimo de. Ibid. p.16

⁶³ Id. Ibid. p.17

Depois me deram notícia
Que tinha sido a polícia
E o povo de Mossoró”⁶⁴

E continua;

“Entrou um grupo de lado
Atacou a estação
Residência do prefeito
Agachados pelo chão
Tudo contente atirando
De vez em quando vivando
O bandido Lampião

Outros grupos atacaram
A matriz de São Vicente
Enquanto as nossas trincheiras
Atirando heroicamente
No meio do fumaceiro
Avistou um cangaceiro
Cair no chão derrepente”⁶⁵

Durante o ataque dois bandidos foram baleados. Sobre esse fato versa Athayde:

“Colchete levou um tiro
Porém não ficou mortal
Caiu assim na calçada
Junto ao muro do quintal
Chegou um rapaz ligeiro
Arrastou o cangaceiro
Matando com o punhal

⁶⁴ Id. Ibid. p.18

⁶⁵ Ib. Ibid. p.18

Nisto deram-lhe outro tiro
Pôs jararaca no chão
Bandido de confiança
Do grupo de Lampião
Quando ele foi encontrado
Estava assim recostado
Bem perto da estação”⁶⁶

Após perder dois homens (ver foto 2 anexo) e Ter outro feridos no grupo, sem, no entanto, causar danos a Mossoró, decidiu abandonar o campo da luta. Os versos de cordel de José Otávio Pereira Lima falam da disposição dos mossoroenses.

“As cinco e meia da tarde
Lampião disse a negrada
Acabemos com esse jogo
Que isto não é caçada
Jararaca e meu coquete
Diabo levou no colete
Perdemos nossa caçada

Seu Massilon eu me queixo
De você e mais ninguém
Dizer a mim que este povo
Muita coragem não tem
Mas veja que em Mossoró
Os seus homens não tem dó
De bandido que aqui tem”⁶⁷

Athayde ainda comenta:

“Quando eu abri os olhos
Estava todo cercado
Os tiros não tinham conta

⁶⁶ OLIVEIRA, Antônio Kydelmir Dantas de. Ibid. p.10

⁶⁷ FERNANDES, Raul. P.196

Chovia por todo lado
Eu vi um oficial
Gritei ao meu pessoal
Está tudo desgraçado”⁶⁸

Repelidos os bandidos daí em diante só apareceram nos folhetos elogios ao heroísmo do povo mossoroense que soube enfrentar com coragem o temido cangaceiro Lampião. José Cordeiro alude a derrota sofrida pelo bandoleiro

“Lampião foi se meter
A atacar Mossoró
Pensou que era Ceará
Que apanha dos macacos
E Colchete e Jararaca
Estes ficaram no quichó”⁶⁹

A feliz vitória do povo mossoroense é digna de muitos elogios por parte dos poetas. Pereira Lima versou:

“A data 13 de Junho
Em ouro ficou gravada
Junto a 30 de setembro
Será u’a nova alvorada
Dispontando alviçareira
Sobre a cidade altaneira
Nobre, santa e imaculada”⁷⁰

⁶⁸ MELO. Veríssimo de. P.18

⁶⁹ Id. Ibid. p.23

⁷⁰ Id. Ibid. p.23

Zé Saldanha completa:

“Parabéns a Mossoró
A capital do Oeste
Que enfrentou Lampião
Com os seus cabras da peste
E foi a maior derrota
Que ele sofreu no Nordeste.”

V – CONCLUSÃO

Virgulino Ferreira da Silva nasceu em Vila Bela, Pernambuco, em 1898. Durante sua infância e adolescência mudou-se diversas vezes com sua família por motivos de contendas entre famílias. Em Alagoas seu pai foi morto e para vingar-se da perda do pai e pouco depois da mãe, decide abraçar o cangaço como opção profissional, ou seja fazer justiça com as próprias mãos. Como bandido ingressou no grupo do Sinhô Pereira e pouco tempo depois tornou-se líder do grupo. Tinha como apelido “Lampião” e atuou principalmente nos Estados de Pernambuco, Alagoas, Paraíba, Ceará, Bahia, Sergipe e Rio Grande do Norte; em todos eles espalhou torturas, saques, estupros, humilhações, seqüestros e mortes. Tinha orgulho de sua vida, visto que em nenhum momento cogitou deixa-la. Conseguiu fama, fortuna e um feroz perseguição por parte da polícia.

Em 1927 chegou ao Rio Grande do Norte e teve conhecimento de que ali existia uma cidade interiorana bastante próspera: Comércio desenvolvido, fazendeiros abastados, existência de banco, rico parque salineiro, boa base industrial, oficinas de charque, etc. Diante disso Lampião decide atacar a cidade, mas antes procura garantir, por extorsão, dinheiro daquela cidade. Sua tentativa de garantir o dinheiro sem ter que atacar Mossoró falhou. O prefeito disse estar disposto a tudo. Com essa recusa o cangaceiro invade a cidade, porém não esperava que ela estivesse fortificada. Com um continente bem inferior aos soldados civis e armas dos mossoroenses e após ter perdido dois de seus melhores cangaceiros, decide abandonar o lugar sem conseguir levar o que pretendia.

A cidade nada sofreu, nenhum estabelecimento assaltado, nenhum civil ou soldado morto, mas algo aconteceu: a cidade tornou-se, pela segunda vez, um alvo, porém, agora não mais de Lampião, mas de um tipo de poesia denominada Poesia de Cordel. A vitória do povo mossoroense foi coroada com um grande número de publicações dos poemas de Cordel que em suma, além de glorificarem os cangaceiros como heróis, festejavam a resistência honrosa do povo de Mossoró.

CORONEL RODOLFO E LAMPIÃO

(Verso 1 anexo)

Virgulino Ferreira Lampião
por recado não lhe dou um tostão
a quantia que pede é eleva
pra você não disponho dela não
mas como tu és valente
vem aqui buscar na minha mão.

Mossoró não seria meu destino
Terra nobre da Santa mais querida
Majestosa do Oeste reluzente
é a terra mais quente do Sertão
se soubesse da minha devoção
Mossoró não seria meu destino

Pela Santa dos olhos de um menino
Massilon eu seria um cretino
Sofrendo de um mau desde menino
Fui marcado por Deus com uma visão
Se soubesse da minha devoção
Mossoró não teria invadido.

MISERICÓRDIA À VIRGULINO

Dizem as forças ocultas do destino
Que o homem já vem predestinado
Virgulino já veio encomendado
Para a sina que sofreu no sertão.

Dando-me uma característica
Ao nascer fui marcado com a visão
Um cordeiro é marcado na orelha
Lampião foi marcado pela vista
Além de cangaceiro foi dentista
Deu pitú nos macacos da polícia
Na estratégia de Guerra foi doutor
Enganou até cão farejador.

Bandoleiro e errante cangaceiro
Virgulino morreu na traição
Na justiça do tribunal divino
Jesus Cristo lhe concedeu perdão.

LAMPIÃO ENTRE A CRUZ E A ESPADA (Verso 3 anexo)

Massilon foi um bandido canalha
Comparando pente com a navalha
Como faz seu barbeiro em desespero
Com pente ele alisa um bandoleiro
Com a navalha ele agride e faz dinheiro
Como faz com os Grandes Fazendeiros
Lampião faz refém pelo dinheiro
ameaça agride a estorquir
bem faria está longe daqui
Mossoró não devia invadir

TEMOR DA NATUREZA

Nunca tive a ousadia de insistir
Ir de encontro ao Esplendor da Natureza
ou cenário de extrema beleza

no prenúncio da chuva existir
no encontro das nuvens vai se ouvir
um estrondo no céu a se partir
na clareza dos raios a refletir
nas nuvens do Céu se transformar
no inverno o sertão vai virar mar
se as chuvas não fossem irregular
no Galope cantando a beira mar
o Nordeste teria o seu lugar

O COITO PREFERIDO POR LAMPIÃO E MARIA

Encravado no morro das perdidas
Esculpia-se fendas e grotões
Acampava com tendas e cabanas
do lado da fronteira sergipana
no remanso do coito preferido
por Maria Bonita e Lampião
questionava a guarda do seu filho
Juiz toma de conta com perdão
melancólica e trágica madrugada
debaixo de uma escuridão cerrada
Pedro Cândido foi quem denunciou
No vapor do maldito café quente
em jejum Lampião se envenenou.

O DIFÍCIL ACESSO AO GROTÃO

Com acidentada topografia
Como o Grotão de Angico não havia
Dava para se estudar Geologia
No suvaco da Serra se escondia
Temeroso Virgulino e Maria

A vereda do morro conduzia
Impossível chegar à luz do dia
Só se chega no Grotão na covardia
ao descanso Sagrado de Maria
Madrugada serena e sombria
UMÃ tem o Dom da profecia
o silêncio escabroso anuncia
Virgulino morreu na covardia.

Eu não mereça à luz do dia
Sofrendo eu de glaucomia
cegar do olho eu não queria
que desatino eu teria
de invadir uma cidade
cuja sua protetora
se chama Santa Luzia
Eu não mereça à luz do dia

RIQUEZAS QUE LAMPIÃO NÃO ALCANÇOU

Do Oeste se vê muita riqueza
O sal grosso o petróleo e o melão
Vejo hoje isso com satisfação
No seu tempo não havia de existir
Nem Lampião teria de assaltar
O petróleo começa a emergir
Na década de 70 para cá.

Do melão eu faria a munição
pra enfrentar o bando de Lampião
com sal grosso carregava a espingarda
pra salgar os couros do Capitão

charqueado era a grande produção
jararaca eu salgava com razão
era a mão direita de Lampião
devoto do Padre Ciço Romão
concedeu patente de Capitão
pra enfrentar Carlos Prestes no Sertão.

OS SANTOS DAQUI TAMBÉM ATIRAM

(Anexo 1 cap. III)

Não teria levado muita prosa
Se soubesse dessa intromissão
que os Santos daqui também atiram
ao primeiro bandido que atrevir
Mossoró por um bando invadir
Acabando o remanso dessa gente
do alto da Igreja de São Vicente
um disparo certo eliminou
Jararaca o bandido mais valente
que a história do Cangaço contou.

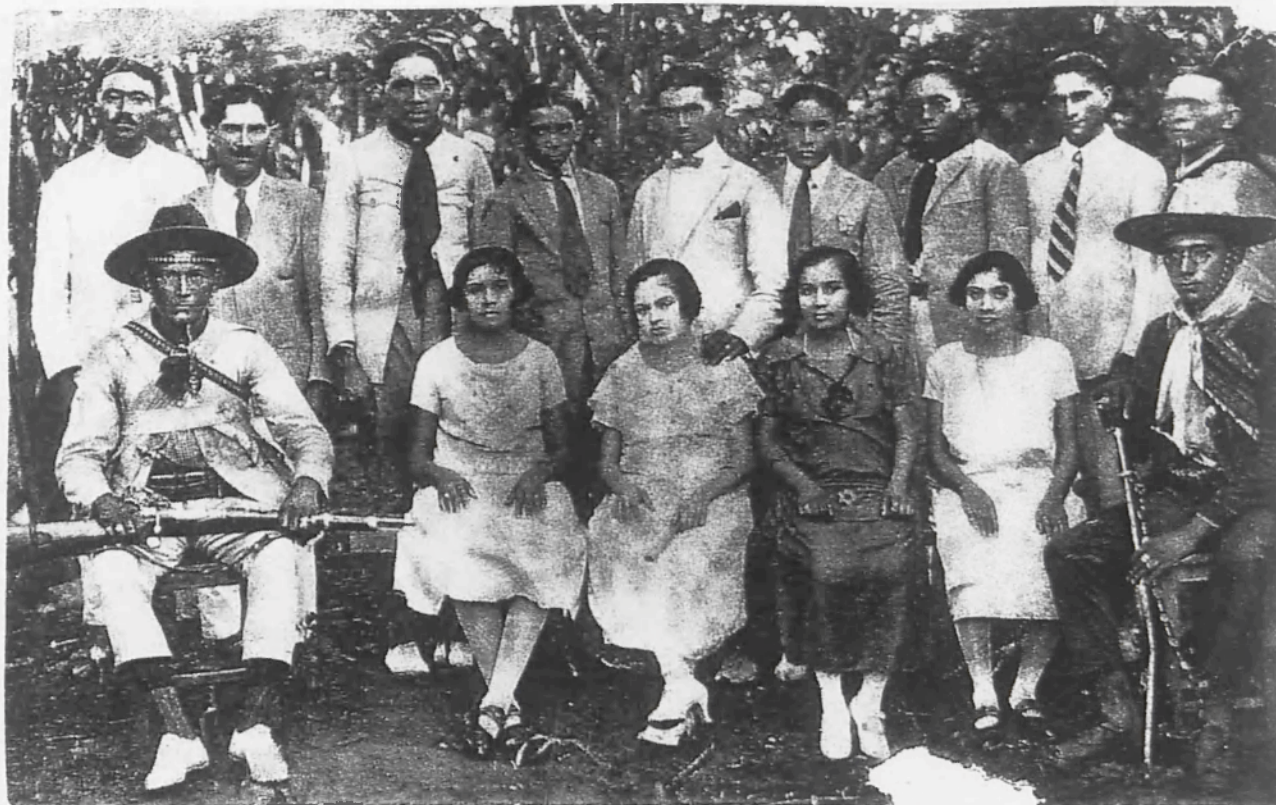
Anexo 2 cap. III

13 era data do mês Junino
Lampião invadia Mossoró
deu baixa dois Valentes Cangaceiros.
trava fina de abertura Corpete
padeceu Jararaca e Colchete
pra imobilizar foi no trinchete
pra acabar de morrer foi no porrete.



Lampião no Juazeiro, já sem o símbolo máximo do cangaço – o chapéu de couro de aba quebrada – nas vestes de voluntário dos Batalhões Patrióticos custeados pelo governo federal para o combate à Coluna Prestes. A foto é também de Lauro Cabral de Oliveira. Cortesia de Raul Fernandes, Natal, Rio Grande do Norte (13,9x9,0)

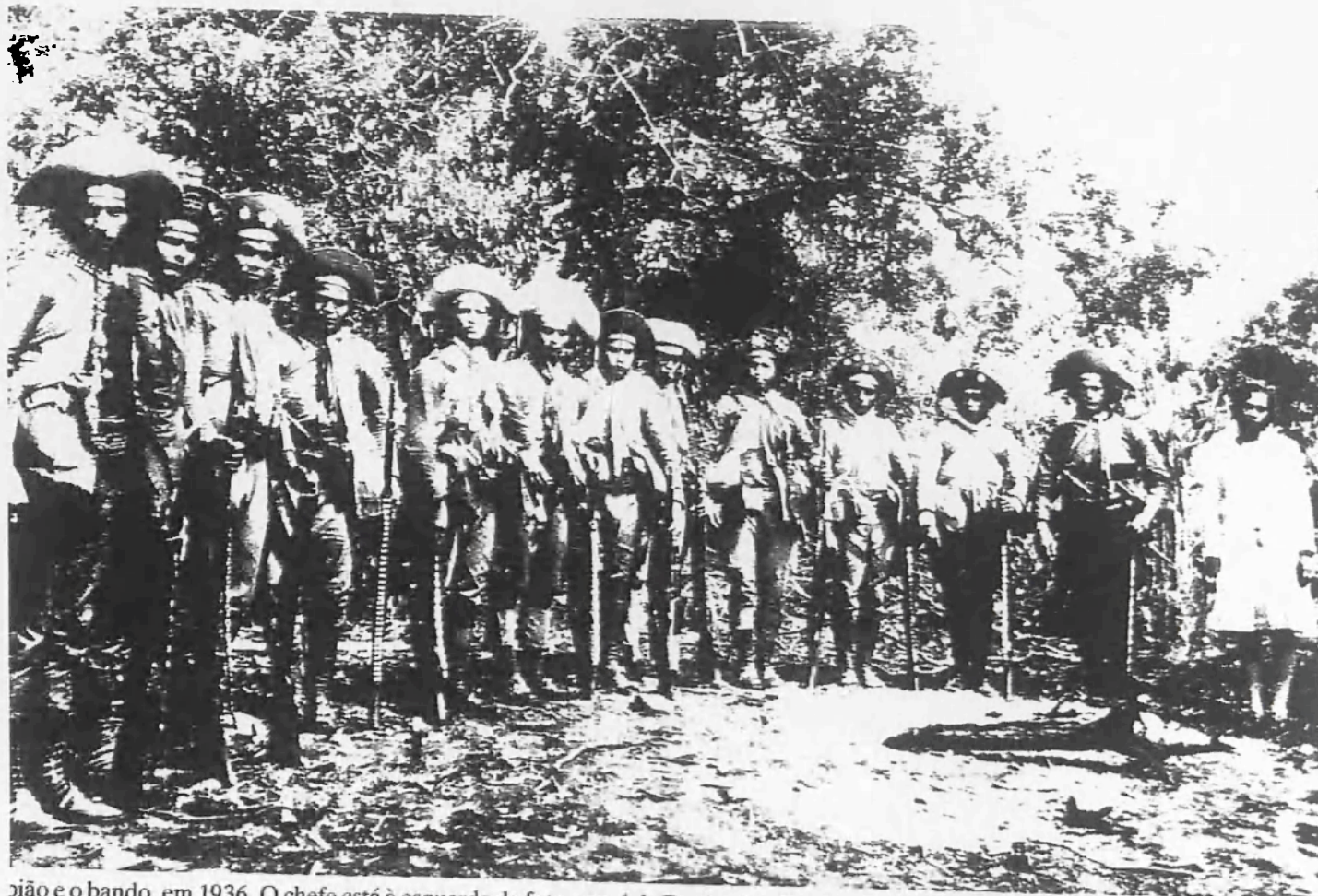
(foto 2 anexo)



Ainda no Juazeiro, Lampião (à direita) e Antônio Ferreira ladeiam as irmãs que residiam ali. Por trás, estão parentes e agregados da família. Da esquerda para a direita, o quarto, o quinto e o oitavo são, respectivamente, Ezequiel, João e Virgínio Fortunato, os dois primeiros irmãos, e o último, cunhado do chefe cangaceiro. Poucos meses após esta foto, Ezequiel e Virgínio adeririam ao bando, com os vulgos de Ponto Fino e Moderno. Há dúvida quanto à autoria da foto, podendo ser de Pedro Maia ou de Lauro Cabral de Oliveira. Cortesia de Moacir Souto Maior, Recife, Pernambuco. (14,4 x 22,3)

(foto 2B Anexo)

3 (foto anexo)

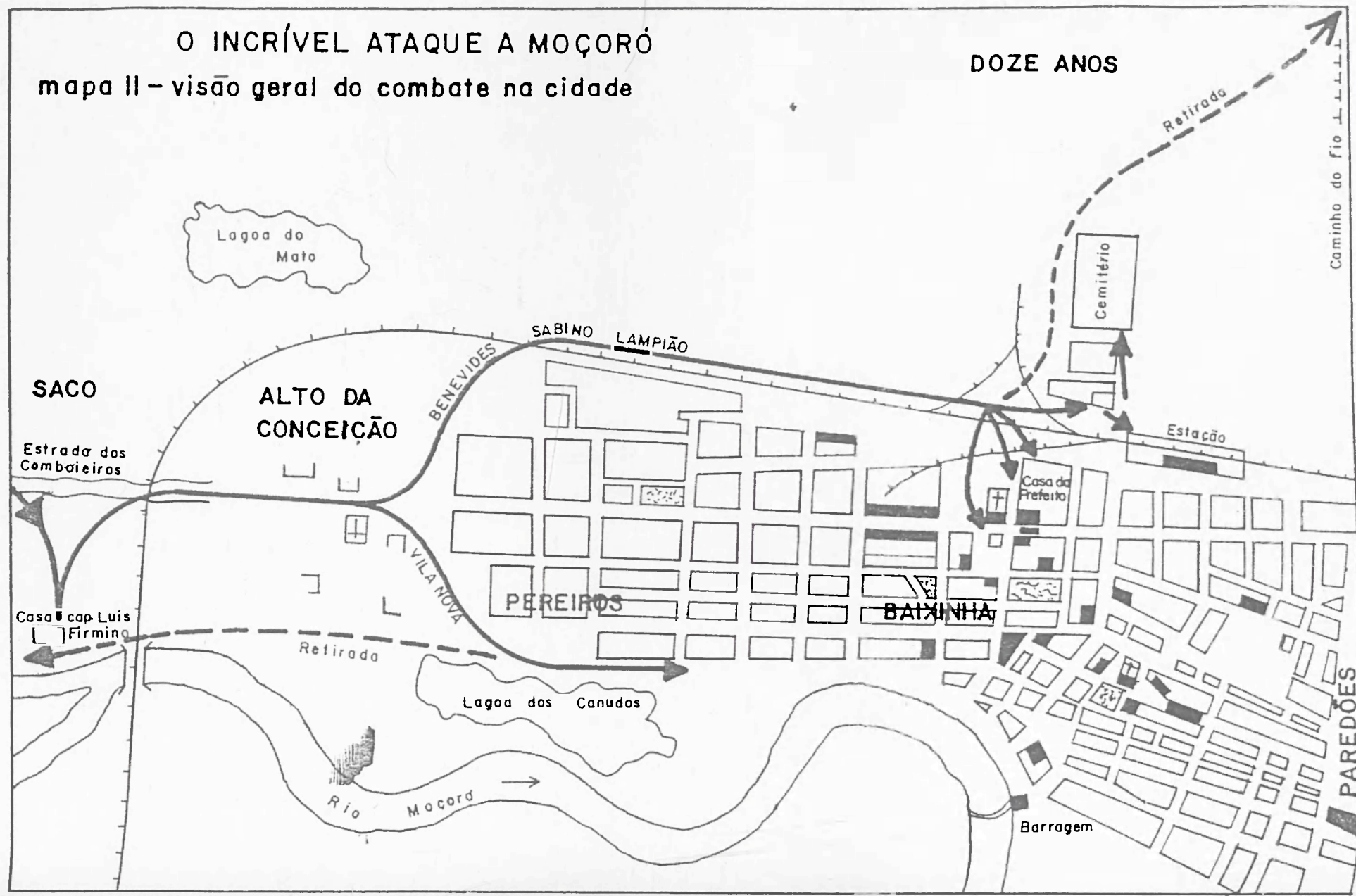


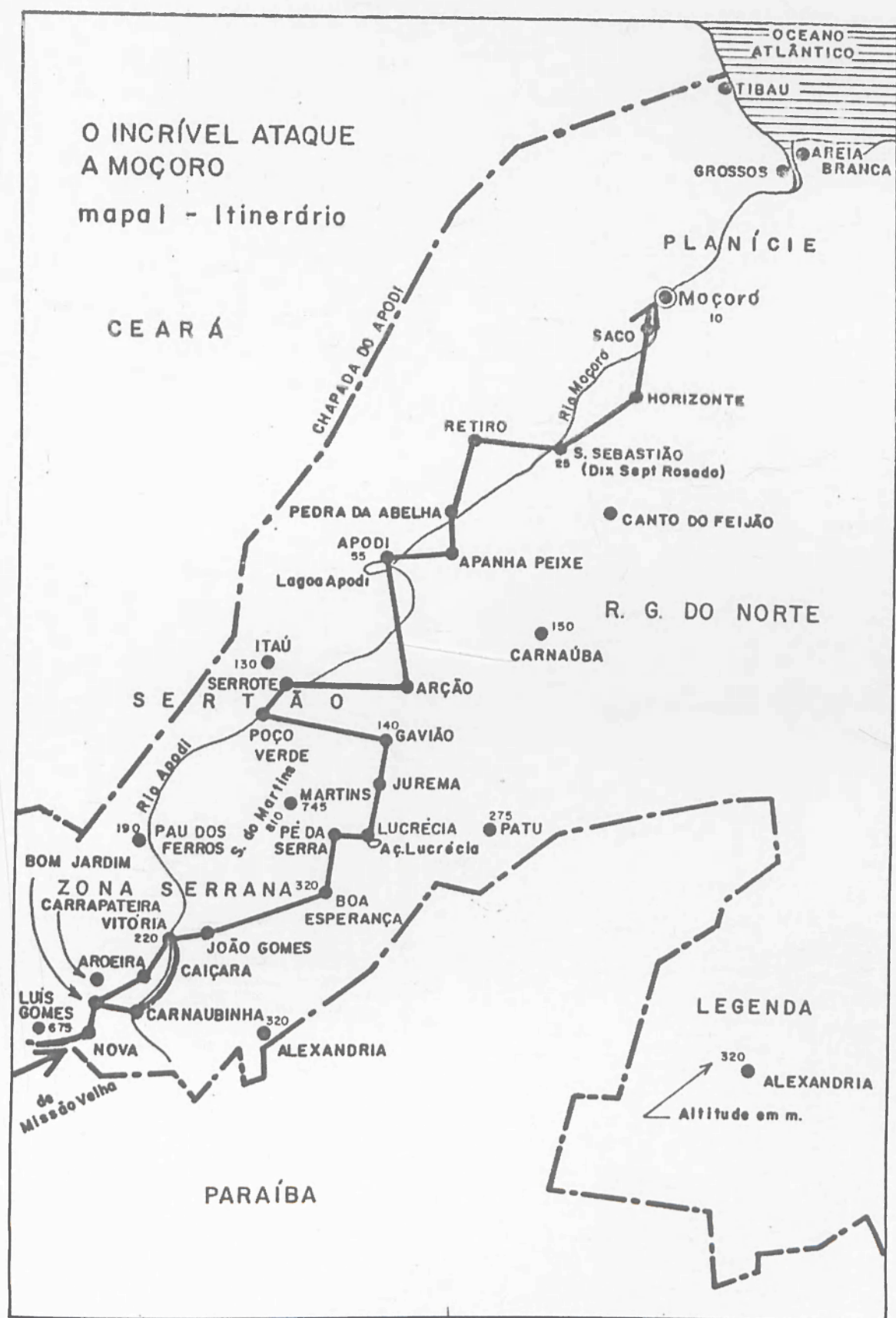
Benjamim Abraão e o bando, em 1936. O chefe está à esquerda da foto, que é de Benjamim Abraão. Cortesia de Audálio Tenório de Albuquerque, Belas, Pernambuco (12,1 x 18,0)

O INCRÍVEL ATAQUE A MOÇORÓ

mapa II - visão geral do combate na cidade

DOZE ANOS





VII – BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 – FERNANDES, Raul. A marcha de Lampião: assalto a Mossoró. Natal: universitária, 1980. 307 p.
- 2 – GURGEL, Antônio e BRITO, Raimundo Soares de. Nas Garras de Lampião: Mossoró: Fundação Vingt. um Rosado, série c, vol.910. 1990. 122 p.
- 3 – MACIEL, Frederico Bezerra. Lampião, seu tempo e seu reinado: III – a guerra de guerrilha (fase de domínio) Rio de Janeiro: Vozes, 1985. 285 p.
- 4 – MACIEL, Frederico Bezerra. Lampião, seu tempo e seu reinado: II A guerra de guerrilha (fase de Vinditas) Rio de Janeiro: Vozes, 1985. 181 p.
- 5 – MELLO, Frederico Pernambucano de Quem foi Lampião. Recife: Stahli, 1993. p.152.
- 6 – MELO, Veríssimo de. O ataque de Lampião a Mossoró, através da literatura de Cordel. Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado, série c, nº397. 1983. 23 p.
- 7 – MENEZES SOBRINHO, José Saldanha. O livro de Lampião sua história, seu tempo e suas lutas. Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado, série d, nº006. s/d. 39 p.
- 8 – MENEZES SOBRINHO, José Saldanha. Porque Lampião foi bandido, sua história, seu tempo e seu reinado. Natal: Fundaf. 1992. 36 p.
- 9 – NONATO, Raimundo. Lampião em Mossoró: Rio de Janeiro: Pongette. 3ªed., 1965. 262 p.
- 10 – OLIVEIRA, Antônio Kydelmir Dantas de. O Cangaco na literatura de Cordel. Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado. série b, v.1415. 1997. 21 p.
- 11 – OLIVEIRA, Antônio Kydelmir Dantas de. Mossoró e o Cangaco. Mossoró: Fundação Vingt-um Rosado: série c, v.950. 1997. 150 p.
- 12 – QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. História do Cangaco. São Paulo: Global, 2ªed. 1986. 75 p.
- 13 – RABELO, Yonne. Lampião Vagalume do Sertão. Pernambuco: s/e. 1982. 8 p.

ILUSTRAÇÕES



Despojos do bando de Lampião recolhidos no combate final de Angico. 1938. A cabeça do chefe está no plano mais baixo, tendo acima a de Maria Bonita. À direita desta, Luís Pedro. O local é a escadaria da prefeitura de Piranhas, Alagoas. Autor não divulgado. Cortesia da família coronel João Bezerra (16,5 x 22,7)





Lampião (à esquerda), Livino, Antônio Rosa e Antônio Ferreira, no ano da estréia do primeiro como chefe de cangaço: 1922. A foto, de Genésio Gonçalves de Lima, foi tirada na fazenda da Pedra, de Laurindo Diniz, município de Princesa, Paraíba. Cortesia de Miguel Feitosa Lima, o Medalha, Araripina, Pernambuco (13,9x9,5)

*grupo de bandidos que atacaram Mossoró em 13 de Junho de 1927, sen-
pellidos.
PHOT. Tirada em Limoeiro (Ceará) em 16 de Junho 1927.*

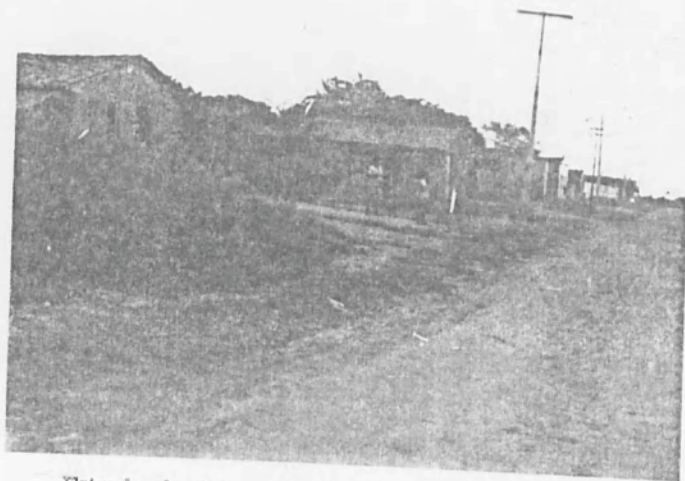


*Naveiro - 3 Delfino (Mormaço) - 4 Ezequiel - 5 Virgulino Ferreira LAMPEÃO - 6 Luiz Pedro -
nerides - 8 Virgínia - 9 Valatão - 10 Mergulhão - 11 Coqueiro - 12 José Roque - 13 Félix -
D.ª Maria Rosa (Prisioneira) 16 Cel. Antonio Gurgel (Prisioneiro) 17 Cel. Moreira (Prisioneiro)
- 19 Serra d'Ouman - 20 José Cão - 21 José Pretinho - 22 Mourão - 23 Benedito -
Nogueira - 26 Pinhão - 27 Trovão - 28 Miguel - 29 Euclides - 30 Rio Preto - 31 L. Sabino -
- foram nas Triz-cheiras.*

Lampeão e o bando, dias após o assalto frustrado a Mossoró, em 1927. O chefe, de traje escuro, é o nº 5, tendo ao lado, com os nºs 4 e 6, respectivamente, Ezequiel, já engajado, e Luís Pedro, imediato em comando. O nº 8 é Virgínia, o Moderno. De pé, aparece Sabino Gomes de Góis, lugar-tenente à época. Notar, à esquerda da foto, três civis, inclusive uma mulher idosa, seqüestrados a resgate. Notar ainda, com o nº 3, o cabra Mormaço, corneteiro do bando. A foto é de José Otávio e foi colhida em Limoeiro do Norte, Ceará. Cortesia de Raul Fernandes. (20,1 x 14,1)



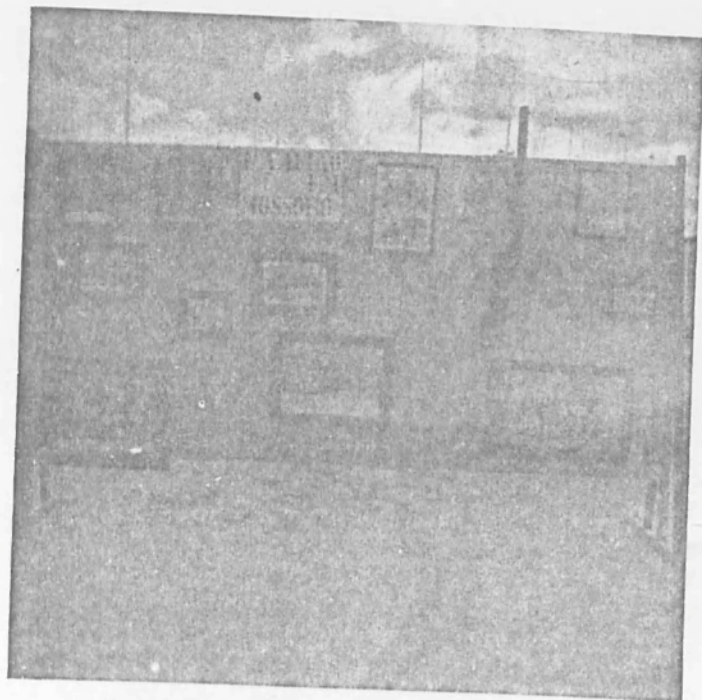
Beco de São Vicente em sentido contrário da saída dos cangaceiros.



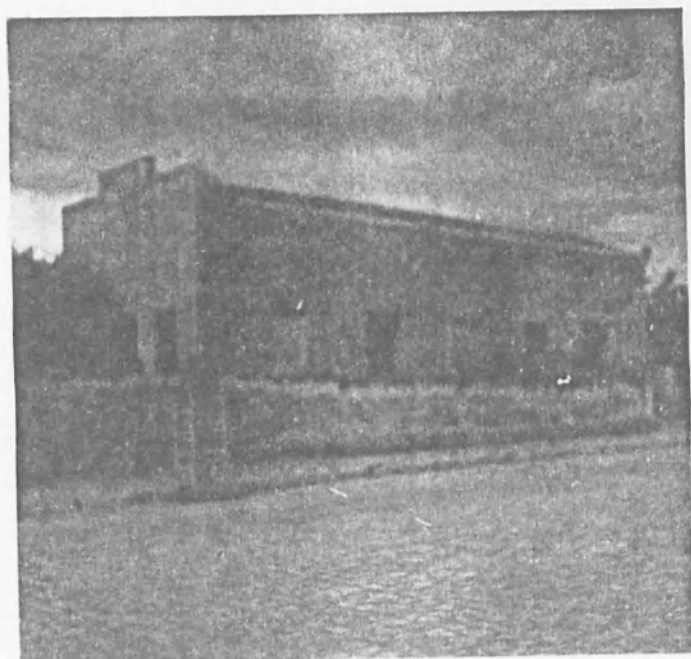
Estrada do fio, por onde Lampião se retirou até a casa de Juvenal, à esquerda, no bairro Doze Anos.



Jararaca, ferido, atravessou o leito perigoso da ponte ferroviária.



Reduzido acervo do ataque de Lampião no Museu Municipal de Mossoró.



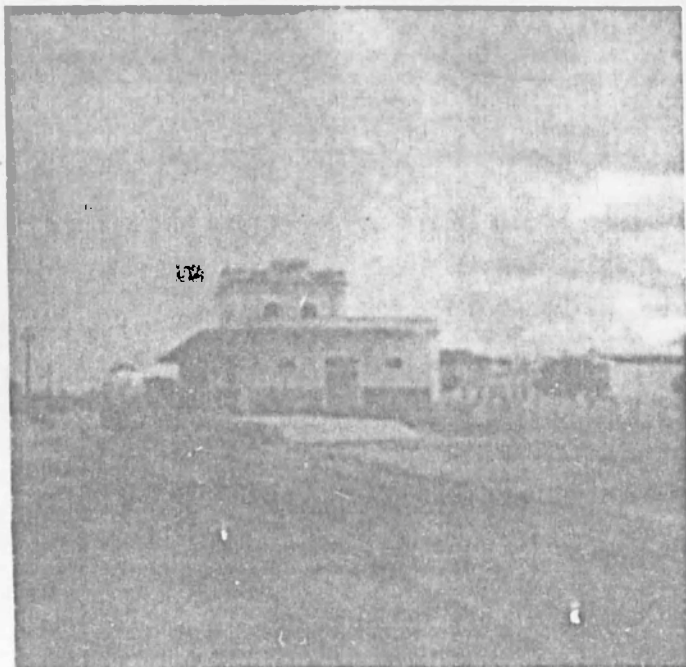
Prédio da União dos Artistas, hoje fábrica de gelo.



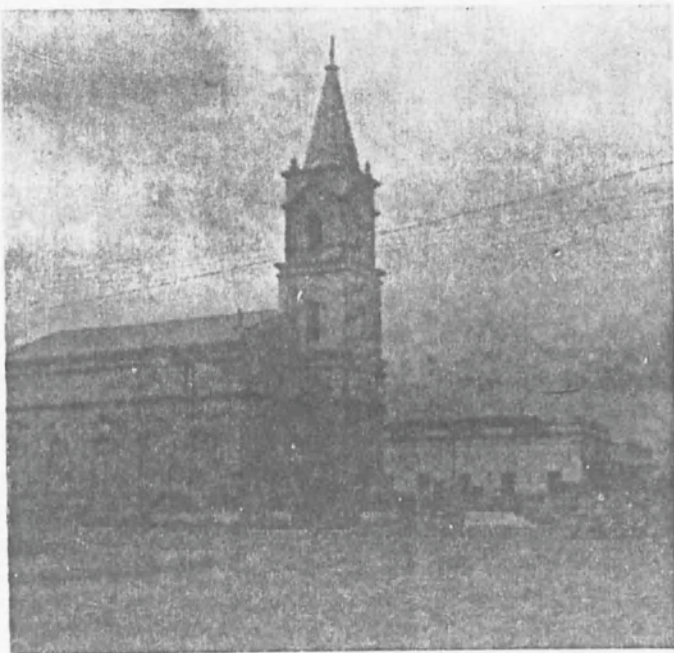
A esquerda, a União dos Artistas; ao fundo, o cemitério.



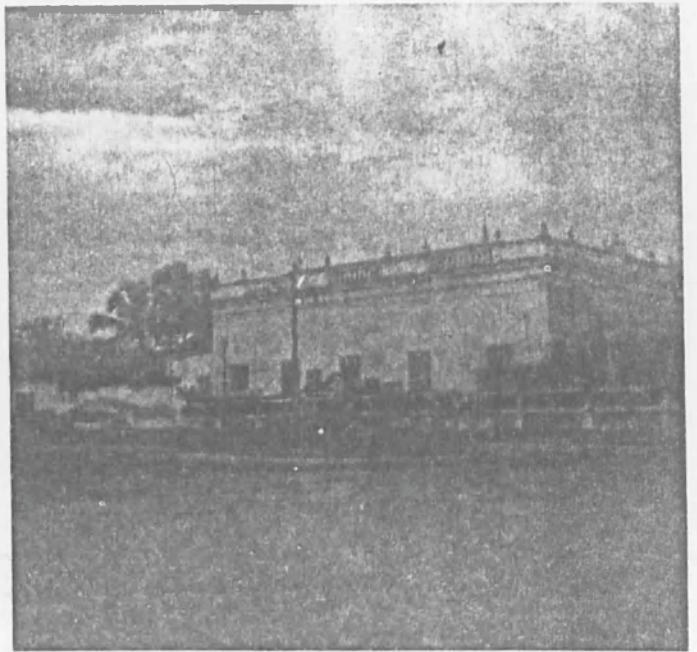
A esquerda, a estação da estrada de ferro; ao fundo, à direita, a União dos Artistas.



A estação da estrada de ferro. Da União dos Artistas, no ângulo anterior esquerdo da foto e que não se vê, partiam os tiros dos cangaceiros contra os defensores entrincheirados na estação.



Praça de São Vicente. Entre a Igreja e a casa de Alfredo Fernandes penetrou Lampião. Homens armados na torre e nos parapeitos da casa, em defesa.



Oitão da casa de Alfredo Fernandes. Colados ao muro corriam os cangaceiros para atacar a trincheira do prefeito.



Igreja de São Vicente, casa de Alfredo Fernandes e palacete do prefeito Rodolfo Fernandes. Uma barricada de defensores cortava transversalmente a rua.



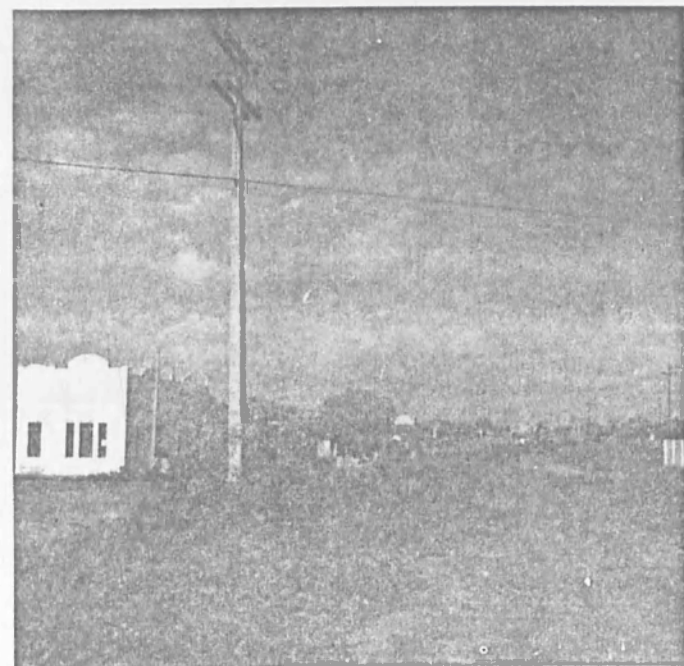
Igreja de São Vicente. Entre a 2ª porta a começar de trás e a 3ª foi colocada uma placa de mármore comemorativa do 40º aniversário do ataque de Lampião. Precisamente desse ponto, Lampião comandou o ataque.



Casa onde Lampião fez pausa na estrada dos comboieiros, antes da casa do forno de cal do capitão Luís Firmino.



O Alto da Conceição, vendo-se a nova igreja ao fundo. Por essa atual avenida Alberto Maranhão, entrou Lampião na cidade.



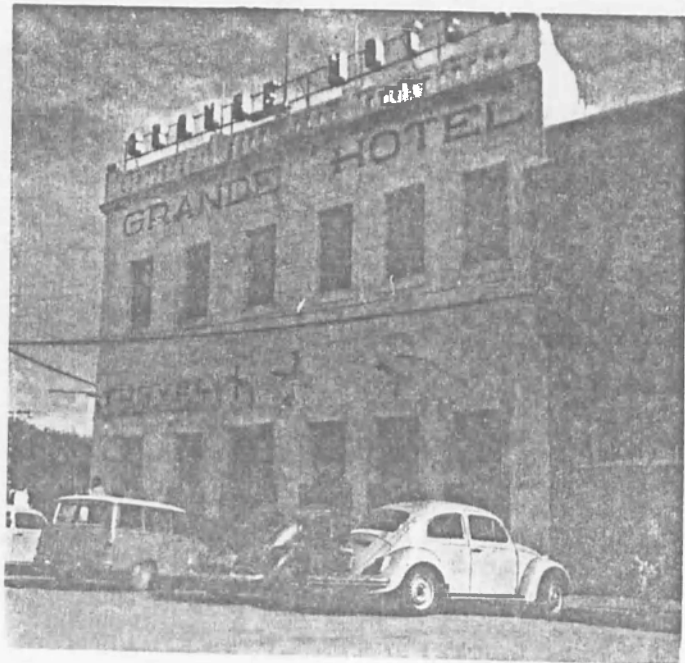
Vindo dos fundos pela estrada de ferro, Lampião atingiria o beco de São Vicente.



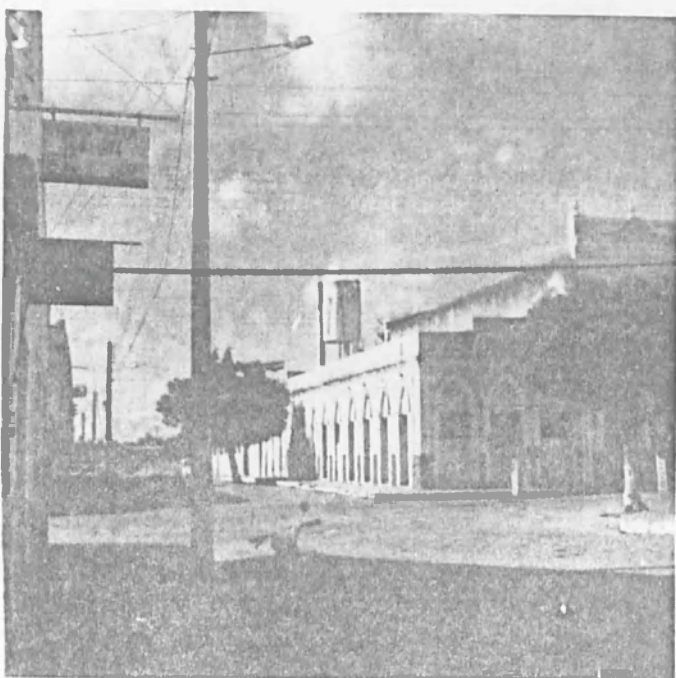
Por essa rua — o ex-beco de São Vicente — penetrou Lampião.



No colégio diocesano.



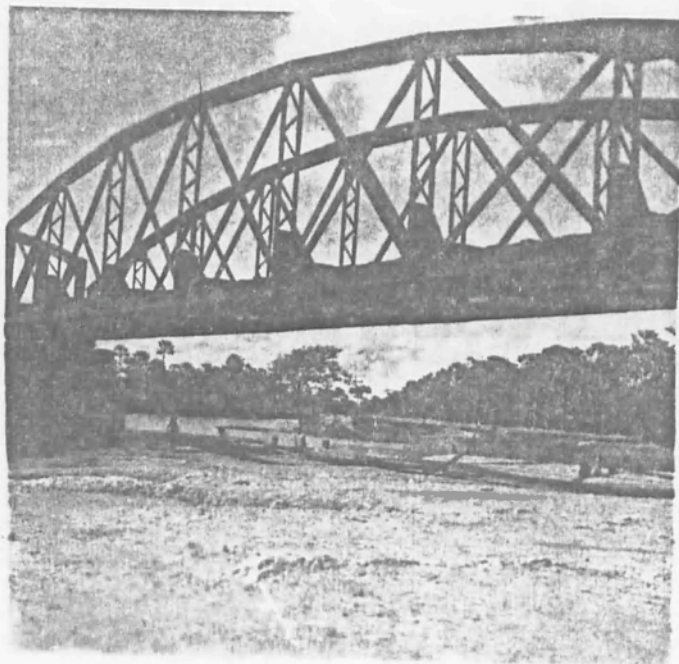
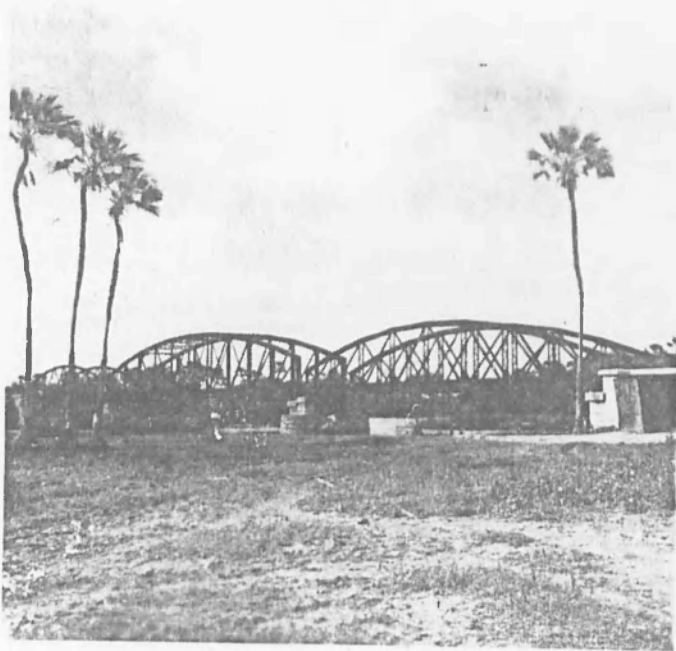
No Grande Hotel.



No armazém T. Fernandes.



Na prensa T. Fernandes.

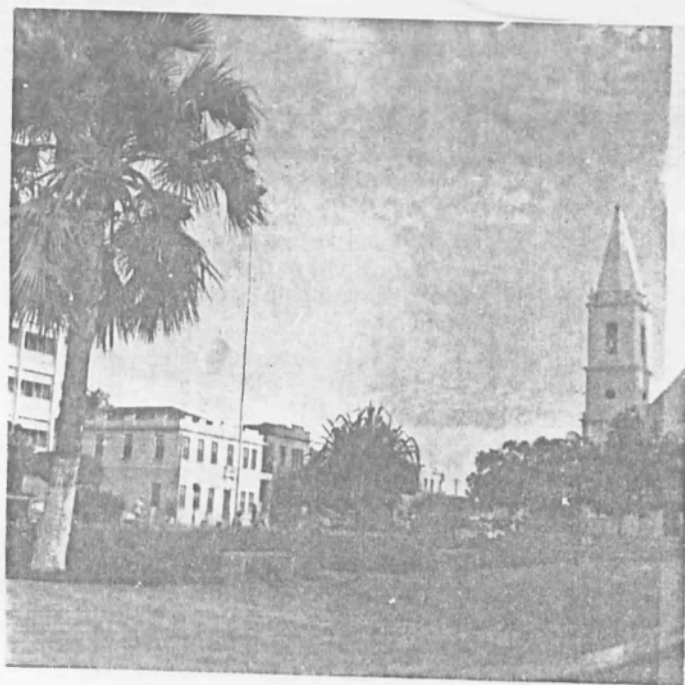


Dois aspectos da ponte ferroviária sobre o rio Mossoró, vendo-se belos espécimes do carnaubal.

AS TRINCHEIRAS

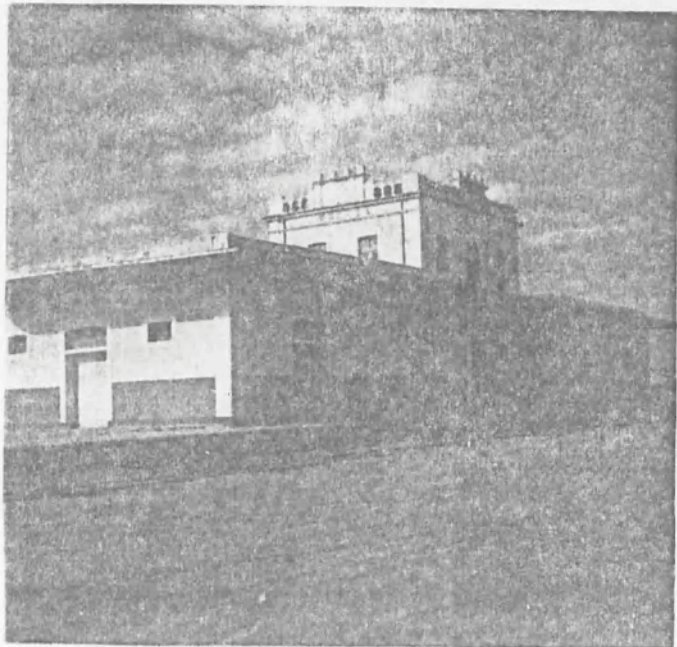


Nas torres da igreja-matriz e na casa de Antônio Freire, à direita e atrás.

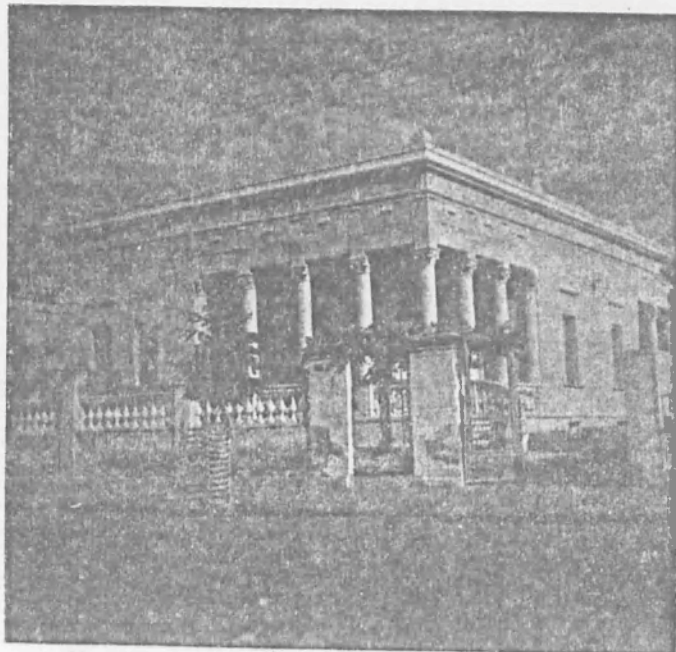


Na Intendência municipal ou Prefeitura e no telégrafo nacional.

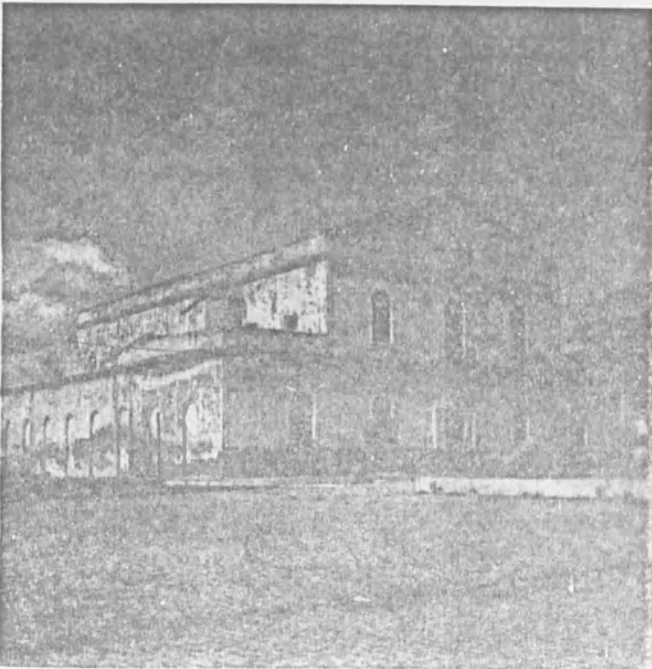
MOSSORÓ



A estação da estrada de ferro.



O palacete do prefeito Rodolfo Fernandes.



O quartel.



A barragem.